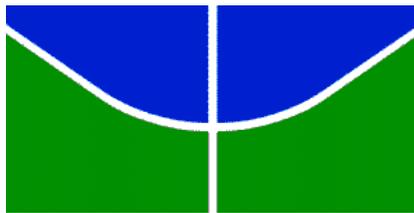


Kriscylla Rodrigues Giuberti

**A PERCEÇÃO DOS CATADORES DO LUGAR ATERRO
SANITÁRIO JÓQUEI CLUBE DA VILA ESTRUTURAL:
A PROBLEMÁTICA DO FECHAMENTO E A POSSIBILIDADE DE AUXÍLIO
COM A CRIAÇÃO DE HORTAS COMUNITÁRIAS**

**Brasília – DF
Julho de 2015**



Kriscylla Rodrigues Giuberti

**A PERCEPÇÃO DOS CATADORES DO ATERRO SANITÁRIO
JÓQUEI CLUBE:
Percepção do lugar, do fechamento do lixão e da viabilidade de
hortas comunitárias.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Graduação em Geografia da Universidade
de Brasília como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Shadia Hussein de
Araújo

Brasília-DF
Julho de 2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Kriscylla Rodrigues Giuberti

A PERCEÇÃO DOS CATADORES DO ATERRO SANITÁRIO JÓQUEI CLUBE: PERCEÇÃO DO LUGAR, DO FECHAMENTO DO LIXÃO E DA VIABILIDADE DE HORTAS COMUNITÁRIAS.

Monografia de Graduação. Universidade de Brasília, Departamento de Geografia.

Bacharel em Geografia, UnB, 2015.

1. Lugar
 2. Percepção
 3. Fechamento do lixão
 4. Agroecologia
-

CESSÃO DE DIREITOS

AUTOR: Giuberti, Kriscylla Rodrigues

TÍTULO: **A PERCEÇÃO DOS CATADORES DO ATERRO SANITÁRIO JÓQUEI CLUBE: PERCEÇÃO DO LUGAR, DO FECHAMENTO DO LIXÃO E DA VIABILIDADE DE HORTAS COMUNITÁRIAS.**

GRAU: Bacharel

ANO: 2015

É concedida a Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia de graduação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos ou fins acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia de graduação pode ser reproduzida sem autorização por escrito da autora.

KRISCYLLA RODRIGUES GIUBERTTI

Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. ICC Ala Norte, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.

kriscylla@gmail.com

Kriscylla Rodrigues Giubertti

**A PERCEPÇÃO DOS CATADORES DO ATERRO SANITÁRIO
JÓQUEI CLUBE:
PERCEPÇÃO DO LUGAR, DO FECHAMENTO DO LIXÃO E DA
VIABILIDADE DE HORTAS COMUNITÁRIAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação de
Geografia da Universidade de Brasília como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Shadia Hussein de
Araújo

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Shadia Hussein de Araújo
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Nelba Azevedo Penna

Prof.^o Dr. Juscelino Eudâmidas Bezerra

Brasília-DF, 09 Julho de 2015

*Dedico este trabalho a
todos os indivíduos
invisibilizados, que sobrevivem e
vivem em contato direto com
conflitos e continuam resistindo.*

Agradecimentos

Agradeço a mãe natureza por abraçar a todos os seus filhos sem julgamentos, e ao Pai por nos guiar.

A minha amada família, que me possibilitou todas as oportunidades para que eu chegasse aonde cheguei. Em especial ao meu amado pai pela paciência, sabedoria e amor, e a minha amada mãe pela doação, apoio e amor.

A Universidade de Brasília que pôde me propiciar diversos conhecimentos, esclarecimentos e experiências enriquecedoras. Em especial a minha orientadora Shadia Husseini, que se mostrou bastante compreensiva e amigável.

A todos os catadores que me ajudaram a construir este trabalho, pela simplicidade e humildade inspiradora.

A todas as minhas irmãs e irmãos de coração que me apoiaram e me recebem tal como sou.

Ao meu namorado pelo auxílio e conforto que me proporcionou com seu amor.

A todos que participaram direta ou indiretamente neste trabalho que é fruto de um processo de evolução interna... Eterna gratidão.

Resumo

Neste estudo procuramos abranger pela perspectiva dos catadores as atuais problemáticas que envolvem o fechamento do lixão e seus impactos diretos, contrabalanceando com a busca de possíveis soluções para que haja a mitigação dos impactos oriundos do fechamento do lixão. A importância deste trabalho se baseia na urgente reflexão, necessária e interligada aos pensamentos e sentimentos dos catadores sobre estas questões complexas que aparentemente não recebem a devida atenção pelo governo. Utilizamos uma abordagem da agroecologia e da geografia fenomenológica que procura expor as subjetividades envolvidas nos pensamentos, sentimentos e valorações atribuídas pelos catadores, ao lugar Aterro Sanitário Jóquei Clube (ASJC) e os dilemas que os permeiam. Como um dos possíveis modos de mitigar os prováveis efeitos, pensamos conjuntamente com os catadores, na possibilidade de utilizar o viés agroecológico como uma base acessível para efetivação de hortas comunitárias, devido a seus custos reduzidos e a utilização de poucos insumos.

O método para realização deste trabalho se baseou em entrevistas focalizadas e observações em campo, pelas quais se pôde captar as reflexões dos catadores a respeito do fechamento do lixão, questão composta por diversos sentimentos como o medo e a esperança, vinculados com a gratidão devido o auxílio gerado pelo trabalho de catador. Pudemos perceber também as valorações positivas atribuídas à horta comunitária imaginada, como um lugar para descanso, lazer e convívio.

Palavras-chave: lugar; percepção; fechamento do lixão; agroecologia; catadores, horta comunitária.

ABSTRACT

In this study we try to cover by the perception of the collectors current issues involving the closure of the dump and its direct impacts, offsetting with the search for possible solutions so there is the mitigation of landfill closure impacts. The importance of this work is based on reflection urgent, necessary and connected to the thoughts and feelings of the collectors on these complex issues that apparently did not receive due attention by the government. We use an approach of agroecology and phenomenological geography that seeks to expose the subjectivity involved in thoughts, feelings and valuations assigned by the collectors, for the place Landfill Jockey Club (ASJC) and the dilemmas that permeate them. As one of the possible ways to mitigate the likely effects that we think together with the collectors, is the possibility of using agro-ecological bias as an affordable base for realization of community gardens, due to their low costs and the use of low-input.

The method for this work was based on focus interviews and observations in the field, for which it was possible to capture the reflections of collectors about the landfill closing, issue consists of several feelings like fear and hope, bound with due gratitude the aid generated by work as a collector. We also realize the positive valuations assigned to the imagined community garden as a place for rest, relaxation and conviviality.

Keywords: place; perception; closing the landfill/dump; agroecology; collectors, community garden .

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O LUGAR ATERRO SANITÁRIO JÓQUEI CLUBE E SUA APROPRIAÇÃO PELOS CATADORES.....	23
2.1 Brasília como uma nova oportunidade de vida: migração e condições desiguais.....	27
2.2 A dependência dos catadores do ASJC e seus riscos.....	33
2.3 Os riscos.....	35
2.4 A apropriação do lugar e sua geograficidade.....	38
3. A PROBLEMÁTICA DO CATADOR EM RELAÇÃO AO FECHAMENTO DO LIXÃO.....	42
3.1 O Fechamento.....	42
3.2 O diálogo com o governo.....	44
3.3 As propostas do governo.....	45
3.4 As perspectivas dos catadores acerca do fechamento.....	48
4. A VISÃO DA ESSÊNCIA DO LUGAR (ASJC) PELOS CATADORES.....	52
4.1 O reconhecimento com o lugar.....	52
4.2 A influência do trabalho como catador no cotidiano fora do ASJC.....	55
4.3 O reflexo na alimentação.....	58
5. A POSSIBILIDADE DAS HORTAS COMUNITÁRIAS COMO UMA FORMA DE AUXÍLIO PARA OS CATADORES.....	61
5.1 As bases da agroecologia urbana e sua aplicação.....	61
5.2 O pensamento dos catadores acerca da agroecologia urbana.....	65
5.3 As perspectivas dos catadores sobre a construção de hortas comunitárias.....	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77
ANEXOS.....	82

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS.

ADASA	Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento do Distrito Federal.
AL	América Latina
ASJC	Aterro Sanitário Jóquei Clube
CE	Cidade Estrutural
CODEPLAN	Companhia de planejamento do DF
CRAS	Centro de Referencia de Assistência Social
DF	Distrito Federal
GDF	Governo do Distrito Federal
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
PNB	Parque Nacional de Brasília
PNRS	Política nacional de resíduos sólidos
PP	Plano Piloto
RA	Região Administrativa
SINMETRO	Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial.
SISNAMA	Sistema Nacional do Meio Ambiente
SLU	Sistema de Limpeza Urbana
SNVS	Sistema Nacional de Vigilância Sanitária
SUASA	Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária
TCDF	Tribunal de Contas do Distrito Federal
UNB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

Entrevistas:

CE_____ Conversa experimental- referente aos funcionários do CRAS.

Data: 6 de agosto de 2014; Horário: 11h00min; Lugar: Base do CRAS.

C1_____ Conversa 1- referente à catadora A.

Data: 13 de setembro de 2014; Horário: 10h00min; Lugar: Posto de fiscalização na base do ASJC.

C2_____ Conversa 2- referente à catadora B.

Data: 21 de setembro de 2014; Horário: 15h30min; Lugar: Pátio de separação da coleta seletiva.

C3_____ Conversa 3- referente à catadora C.

Data: 21 de setembro de 2014; Horário: 17h00min; Lugar: Pátio de separação da coleta seletiva.

C4_____ Conversa 4- referente à catadora D.

Data: 11 de outubro de 2014; Horário: 13h00min; Lugar: Posto de fiscalização na saída do ASJC.

C5_____ Conversa 4- referente ao catador E.

Data: 12 de outubro de 2014; Horário: 18h00min; Lugar: Posto de fiscalização na base do ASJC.

CG1_____ Conversa em grupo 1- referente a um grupo X.

Grupo X composto por um homem e duas mulheres.

Data: 7 de agosto de 2014; Horário: 14h30min; Lugar: Pátio principal, no topo do ASJC.

CG2_____ Conversa em grupo 2- referente a um grupo Y.

Grupo Y composto por duas mulheres.

Data: 5 de setembro de 2014; Horário: 15h00min; Lugar: Pátio de separação da coleta seletiva.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Desenvolvimento histórico da Vila Estrutural.....	30
--	-----------

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vila Estrutural	26
Figura 2: Enfoque na área do lixão, 2004.....	32
Figura 3: Enfoque na área do lixão, 2014.....	32
Figura 4: Caminhão de lixo.....	36
Figura 5: Condição dos catadores.....	39
Figura 6: Condição de trabalho da maior parte dos catadores do ASJC ..	47
Figura 7: Vila estrutural	51
Figura 8: Catadores em ação	56
Figura 9: Horta coletiva com bases agroecológicas.....	62
Figura 10: Princípios agroecológicos	69
Figura 11: Dinamização e participação coletiva nas hortas comunitárias	73

1. INTRODUÇÃO

Procuramos abranger neste trabalho a importância de se criar um vínculo entre perspectivas e planejamentos, referente principalmente as perspectivas dos catadores e ao planejamento governamental acerca do fechamento do Aterro Sanitário Jóquei Clube, lugar de trabalho e sustento de uma grande parcela de catadores. Buscamos explorar a importância de observarmos a sensibilidade das relações humanas com o espaço, o lugar e seus reflexos, introduzindo na concepção deles de lugar, a consciência da agroecologia como ferramenta de auxílio no pós-fechamento com a recriação e ressignificação de um novo lugar na Cidade Estrutural.

Ressaltamos que neste trabalho abordaremos as perspectivas dos catadores entrelaçado com o sentir, o pensar, o imaginar, as vivências e as significações, as valorações, as memórias e as simbologias que estes atribuem aos lugares, que se constituem exatamente pela importância que lhe é atribuída, as relações que o transpassam e pelo dinamismo que influi e os caracterizam.

Tema:

Este estudo se constitui no interesse referente aos pensamentos e perspectivas da população catadora da Cidade Estrutural, utilizando a observação e análise geográfica, para compreender a negociação e diálogo com o governo a respeito do fechamento do lixão, suas propostas e contrapropostas, se já foram estruturadas, iniciadas ou postas em prática pelo Governo do Distrito Federal (GDF) e o Sistema de limpeza urbana (SLU).

Entrelaçado ao contexto que gera a dependência econômica de uma parcela de catadores pelo Aterro Sanitário Jóquei Clube, foi visualizada a carência de estudos, sobre como ocorrerá o fechamento deste e seus impactos, isso ocorre devido a estas problemáticas não receberem divulgação na mídia para a interação com a população civil ou por não terem muita visibilidade no meio científico até então, sendo pensada majoritariamente por órgãos do governo que não abrangem por total a problemática, excluindo parte significativa de reflexos e consequências sensíveis principalmente aos catadores.

Cabe então ao meio acadêmico problematizar e refletir junto aos catadores, questões referentes ao fechamento, como o diálogo sobre as propostas, as consequências que podem ser geradas e como eles percebem e estão lidando com este dilema. Em consequência buscamos pensar conjuntamente, formas de auxílio para amenizar os possíveis impactos negativos, como o desemprego ou uma renda menor. Neste caso o foco central para a mitigação é a criação de hortas comunitárias viáveis, de baixo custo e boa produtividade, para ajudar a suprir a necessidade de alimentação.

O uso da agroecologia foi pensado como uma base sustentável, podendo ser aplicada por comunidades carentes e utilizada em áreas urbanas, possuindo poucas restrições, que se atem principalmente da garantia da segurança alimentar, no caso do ASJC, assegurar que não haja contaminação por resíduos tóxicos do lixão, por meio da correção do solo. É então um meio viável para a implementação de hortas comunitárias na Cidade Estrutural, com intuito de ajudar a complementar a alimentação dos catadores e compreender a visão deles sobre questões ambientais locais que os afetam, como a contaminação do solo pelo chorume.

A compreensão da consciência e percepção dos catadores, a respeito da criação de hortas comunitárias transpassa a visão que esses possuem sobre a própria alimentação, a agroecologia e o que ela pode significar e abranger, percebendo também a possível aplicação de conhecimentos tradicionais que eles possuem e se enquadram nos princípios agroecológicos.

Todo universo da ciência é constituído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY,1994, p.3).

Visamos com a citação de Merleau Ponty, criar um piso para que se possa entender a importância da geografia atrelada a essas delicadas e

complexas questões, que iremos abranger durante o decorrer deste trabalho em relação à perspectiva do mundo vivido.

Portanto, torna-se fundamental e primordial o conhecimento a respeito das percepções e perspectivas dos catadores a respeito das questões críticas e sensíveis que permeiam o lugar de seu trabalho, seus lares, suas posturas e concepções, enfim seu mundo. Estes aspectos que influenciam em suas vidas serão abordados levando em consideração os possíveis resultados, para que possa imaginar e pensar conjuntamente a eles, as consequências do fechamento do lixão e as problemáticas que o permeiam, vinculando à efetivação das hortas comunitárias. É essencial tentar expor todos os fatores críticos e sensíveis que refletem e são reflexos importantes neste trabalho, sendo analisados primordialmente sob a perspectiva dos catadores.

Este trabalho será estruturado no entrelaçamento destas questões sensíveis e pungentes, que abrigam o fechamento do lixão abarcando o reconhecimento dos catadores com o lugar e o que ele representa, propondo e verificando a viabilidade da efetivação de hortas coletivas, com intuito de mitigar os impactos ocasionados pelo possível fechamento do ASJC, interligando todas as subjetividades que se encontram nestes meios.

Justificativa:

É exatamente neste ponto que se encontra a relevância acadêmica deste projeto, se tornando um trabalho pioneiro nesta área pouco estudada e problematizada, pontuado pelo fechamento do maior lixão a céu aberto da América Latina, o Aterro Sanitário Jóquei Clube, localizado na capital, Brasília, Distrito Federal. Interligado a idealização conjunta com os catadores a respeito da criação de hortas comunitárias, numa perspectiva fenomenológica sendo observado os sentimentos, significações e pensamentos dos catadores a respeito do ASJC, seu fechamento, a horta comunitária e de todos os fatores que os permeiam.

Ressaltado pela questão da problemática ser atual e não encontrar-se com facilidade trabalhos com esse enfoque, de fato para o embasamento bibliográfico foram encontrados raros autores que abordam o lixão. As principais bases bibliográficas secundárias a respeito do lixão são: O trabalho

de mestrado de Orrego (2013) que aborda a ocupação do espaço e a relação dos catadores com a criação da Vila Estrutural, que posteriormente veio a se tornar a Cidade Estrutural, sendo um dos únicos trabalhos acadêmicos e científicos que envolvem o lixão, os outros embasamentos são informações de sites do governo, de organizações de catadores e moradores da Estrutural; a ADASA (2013) em um artigo expôs a necessidade de capacitação dos catadores para trabalharem em centros de triagens no ASJC, no site da Câmara dos deputados (2012) tivemos acesso ao Plano Nacional de Resíduos Sólidos, no site do Senado Federal na seção de matérias, havia um artigo sobre a problematização do descumprimento do fechamento dos lixões a céu aberto, em especial o de Brasília (pontuado como o maior da A.L.), o site do Correio Brasiliense (2014) fez um especial a respeito do lixão com diversos autores e entrevistas com agentes do governo, catadores e ambientalistas, o site do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (2014) expõe em publicações as problemáticas enfrentadas pelos catadores, como acidentes e dificuldades de diálogo com o governo, outra fonte é o Fórum Estrutural composto pelo coletivo de moradores da CE, que realizaram uma publicação referente a crítica dos ambientalistas sobre o tratamento de lixo em Brasília, todas as matérias e publicações se encontram nas Referências Bibliográficas e em meio eletrônico.

É notável também a relação dos catadores com a agroecologia e a construção de hortas comunitárias, este viés é pouco usual no que se refere ao lixão, porem há existência de publicações que demonstram a eficácia e importância de correlacionar comunidades carentes e bases agroecologias, na bibliografia secundaria utilizamos autores como Caporal e Costabeber (2004), que aborda os conceitos e princípios da agroecologia, Gliessman (2000) que realiza uma interligação entre agricultura sustentável e as bases agroecológicas, e outros autores importantes que foram utilizados, como o Aquino e o Assis (2011), que em trabalhos separados abordam influências da agroecologia e suas utilidades, conjuntamente o trabalho deles possui enfoque na utilização e aplicação em meios urbanos e periurbanos como modo de auxílio a comunidades carentes. Fizemos uso de informações coletada por meio de palestras realizadas no VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia em

Porto Alegre. Os palestrantes citados no decorrer dos capítulos encontram-se na bibliografia secundária, localizados separadamente.

As principais problemáticas que interferem neste estudo podem ser destacadas como o diálogo difícil entre o governo e os catadores sobre as possibilidades pós-fechamento, e em como respaldar todos os catadores, tornar viável a continuação de seus trabalhos de modo mais seguro ou a reinserção no mercado de trabalho.

As propostas apresentadas pelo governo são basicamente as seguintes: A primeira e mais utilizada no Brasil é o fechamento definitivo do ASJC, sem descarga de mais materiais para que possa ocorrer à degradação natural do lixo, e posteriormente o monitoramento da área por 30anos. A segunda opção seria a separação dos materiais remanescentes por meio dos catadores, e a compostagem natural do material orgânico restante, conjuntamente com a contenção, tratamento do chorume e captação do gás metano. A terceira opção consiste em transferir o montante principal de lixo para outros centros de triagens que ainda precisariam ser criados. Essas informações foram retiradas do especial do Correio Brasiliense a respeito do fechamento do lixão, este artigo encontra-se na bibliografia para consulta.

Objetivos e perguntas centrais:

Para cada proposta existem reflexos diferentes para os catadores, é preciso então abordar os fatores que permearam e influenciaram diretamente no decorrer deste trabalho, que abrange as problemáticas e seus possíveis resultados, tais reflexões a serem respondidas podem ser pontuadas pelas questões principais: De acordo com os catadores, como o ASJC pode ser percebido como um lugar? Quais as perspectivas dos catadores a respeito fechamento do lixão e suas possíveis consequências? Na percepção dos catadores quais significações e sentidos as hortas comunitárias poderiam abarcar? Há nitidamente uma urgência em se pensar nesses dilemas e impasses, de forma que procuramos neste trabalho problematizar e pensar coletivamente com os catadores as soluções plausíveis, baseando-nos em suas reflexões, opiniões e sentidos que abordam as subjetividades intrínsecas dos seus pensamentos.

O intuito deste trabalho visa realizar uma análise integrada com os catadores do Aterro Sanitário Jóquei Clube, com o objetivo de captar a percepção dos catadores em relação ao fechamento do lixão, vinculada com o que ele representa para os catadores como lugar, como influi na vida deles, e se de fato é viável a execução de uma horta coletiva com os princípios da agroecologia urbana.

A idealização do viés agroecológico, como um dos possíveis modos de amenizar os impactos ocasionados pelo fechamento do lixão, ocorre por ter serventia como uma ferramenta saudável e de custo baixo, a fim de auxiliar a suprir uma das necessidades mais primordiais do ser humano; a alimentação.

A agroecologia tem princípios que se baseiam no equilíbrio entre a produção de alimentos e o meio em que são cultivados, observando o ciclo das plantas e as estações, realizando o manejo do solo na época adequada de cada planta, não há a utilização de agrotóxicos ou adubos químicos, em contramão é feito o uso da compostagem de materiais residuais e fileiras de controle de pestes, além de custear muito pouco, não necessitando de insumos externos, sendo então viável sua aplicação em comunidades carentes, como no caso dos catadores da Cidade Estrutural. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004)

Abordagens teóricas e metodológicas:

A abordagem teórica utilizada se encontra na vertente fenomenológica, sendo destacada no viés da geografia humanística, que se baseia no estudo do indivíduo; como ele se percebe no mundo, a consciência própria da sua participação como agente deste, ator que preenche os lugares de significados e símbolos, atribuindo e recebendo sentimentos e emoções destes lugares. O lugar será um dos principais conceitos geográficos utilizados, devido a sua ligação com a subjetividade atrelada a ele, sendo percebido e permeado, por valores, sentimentos, simbologias, memórias, afetividades entre outras características sensíveis percebidas na fenomenologia. Os principais autores em que nos baseamos para abordar a fenomenologia e suas relações com o lugar foram: Yi Fu Tuan (1974), Buttimer (1985), Holzer (2003), Husserl (1990) e Merleau Ponty (1996).

Estes autores possuem enfoques em questões subjetivas e nas variadas realidades percebidas por cada catador, não sendo apresentada uma realidade em si, mas sim uma diversidade de percepções das realidades pelos indivíduos que as compõem. É necessário então um aprofundamento no âmbito sentimental perceptivo dos pesquisadores, para que seja possível embasar o trabalho na fenomenologia, podemos exemplificar tal especificidade citando Husserl “Advertimos agora que a tarefa da fenomenologia, ou antes, o campo das suas tarefas e investigações, não é uma coisa tão trivial como se apenas houvesse que olhar, simplesmente abrir os olhos”. (HUSSERL, 1990, p.33), portanto vale pontuar que entenderemos a fenomenologia tal como é:

Ciência dos conhecimentos como fenômenos (Erscheinungen), manifestações, atos da consciência em que se exibem, se tornam conscientes, passiva ou ativamente, estas e aquelas objetividades; e, por outro lado, ciência destas objetividades enquanto a si mesmas se exibem deste modo (HUSSERL, 1990, p.34-35).

O conceito desse viés da geografia humanística, embora exposto de modo mais formal, está entrelaçado intrinsecamente com a vivência, que procura demonstrar a interligação da fenomenologia e a experimentação, como pode ser visualizado no decorrer desta pesquisa, resultante de trabalhos a campo e entrevistas, encorpando assim o texto com as diversas práticas e manifestações vividas.

A Fenomenologia deixa-se praticar e reconhecer como realmente existe, ou seja, é necessário descrever o real fazendo uma reflexão da experimentação e aprendizagem, recolocando numa subjetividade de lado do seu ser e do tempo (MERLEAU-PONTY, 1996)

Os métodos empíricos utilizados nesta pesquisa são os trabalhos de campo no lixão em várias etapas, (1ªetapa-visualização, 16 de julho 2014, 2ªetapa-reconhecimento do lugar e pessoas, entrevista CG1, 7 de agosto de 2014, 3ªetapa-entrevista CG2, 5 de setembro de 2014, 4ªetapa-entrevista C1, 13 de setembro de 2014, 5ªetapa-entrevista C2, C3, 21 de setembro de 2014,

6ªetapa-entrevista, C4, 12 de outubro de 2014, 7ªetapa-entrevista C5, 13 de outubro de 2014) incluindo a observação simples e entrevistas focalizadas (GIL, 2008) com os catadores para tentar compreender a situação do ASJC pela percepção deles, analisando suas reflexões a respeito da horta comunitária, como eles a imaginam e quais valores atribuiriam a este novo lugar.

As entrevistas focalizadas realizadas no Aterro Sanitário Jóquei Clube podem ser consideradas como os alicerces de informações essenciais, nas quais as pesquisadoras se basearam, vale ressaltar as dificuldades enfrentadas para realiza-las. Como por exemplo, o fator de muitos catadores não demonstrarem abertura para conversar, por não desejarem participar ou por desconfiança, alguns já tem alguns receios advindos de experiências com repórteres ríspidos demais que aparentaram insensibilidade às condições dos catadores, outro fator foi o tempo para a conversa que implicava em parar com a separação do lixo e consecutivamente em menor produtividade e pagamento, pois o salário que eles recebem é derivado do quanto, em peso, de material que separaram. Outras dificuldades, como insegurança na região, por já ser conhecida popularmente como área perigosa, impossibilitou o uso de câmeras e gravadores, houve também o impacto sentido fisicamente pelas agentes de pesquisa, que podem ser citadas como o solo encharcado de chorume, muitas moscas, o cheiro forte do lixão, a presença de diversos animais e insetos, em alguns momentos a presença de chuvas, que provocaram um baixo índice de catadores no ASJC, e o atordoamento causado pela visão explícita de crianças e idosos trabalhando em condições de risco a saúde entre outros fatores.

Por conta dessas dificuldades iniciais, tentamos então abordar os catadores de uma maneira cuidadosa, realizando uma primeira observação acerca da disponibilidade, para então averiguar se existia interesse em disponibilizar algum tempo para a conversa. As conversas individuais tiveram duração entre 1h00min e 03h30min, e as conversas coletivas cerca de 40min a 1hora. Foram entrevistados cinco catadores de modo individual e outros cinco catadores em grupos coletivos de duas pessoas (duas mulheres) e três pessoas (um homem e duas mulheres).

As bases estipuladas para que houvesse o desenvolvimento de diálogos, foram pensadas previamente, buscando criar uma aproximação entre as agentes de pesquisa e os catadores, para ficar mais claro utilizaremos uma citação que exemplifica o método das entrevistas realizadas, de Buttimer (1979, p.2482) “mas se queremos compreender a experiência do outro - observar o mundo com seus próprios óculos - é necessário entrar em diálogo com ele, o convidar a se revelar em seus próprios termos”. Apresentamos uma liberdade de expressão para que pudessem agir e falar de modo sincero em seus próprios termos, as perguntas elaboradas tiveram a função apenas de nortear a entrevistadora como uma estrutura de esclarecimento de algumas questões relevantes ao trabalho, para captar com mais nitidez as conversas, as percepções, os pensamentos, os sentimentos e os diferentes fatores que influíram no fato de trabalharem atualmente no ASJC.

O gravador não foi utilizado, devido à intenção de não constranger, censurar, ou criar barreiras de expressão para os catadores, o modo de coleta e fixação de dados ocorreu com a anotação simultânea dos principais dados apresentados na conversa, e logo após a transcrição de modo detalhado, que se encontra em anexo ao final do trabalho.

Estrutura do Trabalho:

No seguinte capítulo, iremos abranger a questão do lixão, a princípio explicaremos a contextualização da Cidade Estrutural pela ocupação da população carente, explanando também a situação de dependência financeira dos catadores e os riscos aos quais estão sujeitos, observando e pontuando por meio de uma síntese das reflexões e sentimentos que os catadores atribuem ao trabalho e a geograficidade que vivem no lugar.

No segundo capítulo abordaremos as problemáticas referentes ao fechamento do Aterro Sanitário Jóquei Clube, analisando as dificuldades de diálogo com o governo, as propostas de fechamento, seus impactos, e a perspectiva e organização dos catadores para lidar com este dilema.

O terceiro capítulo conterà mais nitidamente a relação que os catadores possuem com o lixão, os significados que atribuem, e como o trabalho de catador no aterro influência em seus cotidianos, o modo pelo qual

vivenciam o tempo livre, como pensam e enxergam este tempo livre e de que modo é baseada a alimentação deles.

No quarto capítulo iremos explicitar as perspectivas dos catadores a respeito da agroecologia, o seu reconhecimento e aplicação em suas vidas, como enxergam e pensam a sustentabilidade, para que então possamos conjuntamente imaginar e refletir acerca da efetivação das hortas comunitárias, e quais seriam suas utilizações.

Estes capítulos baseiam-se, em primeiro lugar, nas percepções dos catadores, que se mostram extremamente variadas e distintas, não existindo um consenso comum a todos, isso ocorre devido à diferença de suas realidades e vivências que influem diretamente em seu modo de vida, pensar e o reconhecer do espaço. Além disso, a visão das pesquisadoras foi explicitada em alguns momentos com o intuito de demonstrar os aprendizados adquiridos e reflexões resultantes da pesquisa. Em terceiro lugar, a bibliografia secundária foi utilizada para dar um embasamento teórico e fornecer as informações contextuais necessárias.

Deste modo para maior facilidade de entendimento do leitor, brevemente explanamos o que será apresentado e explorado nos capítulos decorrentes, e de que modo ocorreu a estruturação do trabalho, além de termos explicado as complexidades e fatores primordiais que abrangeram o desenvolvimento deste estudo e como ele se constituiu abarcando as subjetividades atribuídas pelos catadores.

2. O LUGAR, ATERRO SANITÁRIO JÓQUEI CLUBE E SUA APROPRIAÇÃO PELOS CATADORES

O enfoque deste capítulo é abordar as causalidades e as circunstâncias que levaram a ocupação do Aterro Sanitário Jóquei Clube (ASJC), e posteriormente a consolidação da Cidade Estrutural ao seu redor. Visando também a ressignificação do espaço pelos catadores e a criação de uma geograficidade (ser-no-mundo). (HOLZER, 2003), abordando previamente de maneira realista o contexto e as problemáticas históricas que influíram na apropriação do lugar e do espaço.

Podemos pontuar que existe uma interligação entre lugar e espaço, onde um está intrinsecamente presente no outro, neste trabalho o enfoque está no conceito de lugar, porem aborda o conceito de espaço em alguns momentos, por exemplo, na contextualização. O espaço e o lugar possuem diferenças nítidas, e são objetos de estudo de vertentes geográficas diferentes, para explicitar mais claramente, citaremos uma concepção de espaço (realista) e lugar (antirrealista) respectivamente:

Espaço:

Deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e formas que se apresentam como testemunho da história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais que acontecem diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. (SANTOS, 1978, p.22).

Lugar:

Lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação...o lugar no entanto, tem mais substancia do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto “especial” que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar

não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significado (TUAN, 1974, p.211-252).

Deste modo podemos pontuar a diferença essencial entre os dois, como sendo a subjetividade presente no lugar, subjetividade esta que transpassa as relações do espaço, abrangendo significados e afetividade, representações simbólicas e imaginárias. Com este esclarecimento podemos prosseguir e explicar a contextualização deste capítulo.

A contextualização é baseada em estudos locais de pesquisadores da Universidade de Brasília, como Fernando A. dos Santos (2013) e Juan F. M. Orrego (2013) que em seus trabalhos tiveram enfoque de pesquisa na região da Cidade Estrutural, utilizaremos também autores como Aldo Paviani (1991) para explicar o processo de construção desigual do espaço de Brasília, influenciando diretamente na formação da CE.

Para o embasamento de outros conceitos complementares deste capítulo faremos uso de autores como Merleau Ponty, Eduardo Marandola, Daniel J. Hogan, Milton Santos, Yi-Fu Tuan e Nelba Penna et al.. A escolha e referência a estes autores foram pensadas de modo a criar uma base de conceitos, que estruturam e tecem uma solidificação para as teorias e hipóteses encontradas neste trabalho, que se baseiam em conceitos chaves como a desigualdade social, ocupação desigual, vulnerabilidade, pobreza, lugar, geograficidade, risco, espaço, percepção, padrão de ocupação espacial entre outros conceitos que permeiam os paradoxos deste trabalho de pesquisa.

O fato de o primeiro capítulo conter traços críticos ocorre para que haja uma maior facilidade, da estruturação de reflexões mais densas e subjetivas na perspectiva humanística fenomenológica, introduzidas mais profundamente nos próximos subcapítulos e capítulos. A combinação de ambas vertentes geográficas resulta numa abordagem abrangente, porém com uma base histórica bem esclarecida, sem obscurecer as perspectivas subjetivas abordadas que são o foco deste trabalho.

Releva-se, assim, o campo positivo da aquisição da atitude fenomenológica, no sentido do fundamento de uma ciência do homem e para o homem, na abertura de suas possibilidades livres e responsavelmente determinadas. (GALEFFI, 2000, p.13).

Neste trabalho visamos interligar conceitos críticos e humanísticos para que esteja mais completo e com embasamentos concretos (em autores secundários), porém com enfoque principal na vertente humanística que possibilita abordar profundamente, concepções que se encontram na subjetividade do indivíduo. Deste modo procuramos despertar uma percepção que rompe com padrões preestabelecidos, e abre espaço para um novo olhar. Deste modo podemos dizer que para a realização desta pesquisa foi fundamental um afastamento de ideias pré-estabelecidas, deixando assim o espaço vago para resultados inesperados, resultantes de sua própria naturalidade.

Para ver o mundo e aprendê-lo como paradoxo, é preciso romper nossa familiaridade com ele, e porque essa ruptura só pode nos ensinar o brotamento imotivado do mundo...É preciso abster-nos do senso comum e da atitude natural, pois como são evidentes passam despercebidos, portanto para despertá-los e fazê-los aparecer é preciso abster-nos dela (MERLEAU PONTY, 1996, p.01).

Tendo essa breve explicação, podemos iniciar o capítulo, que procura demonstrar o processo de ocupação da atual área nomeada como Cidade Estrutural. Para que haja uma facilidade de entendimento, é necessário realizar uma retrospectiva a época da construção de Brasília e analisar fatores de influência, como a migração e as suas causalidades, a especulação imobiliária, o desenvolvimento urbano desigual, a atratividade do lixão como lugar de trabalho para as classes mais carentes, entre outros fatores.

A imagem a seguir procura ilustrar a Cidade Estrutural (contornada de vermelho), sua proximidade do Parque Nacional de Brasília

(área conservada de cerrado acima da CE), sua localização e distância do Plano Piloto (16 km).

Estrutural - 2014

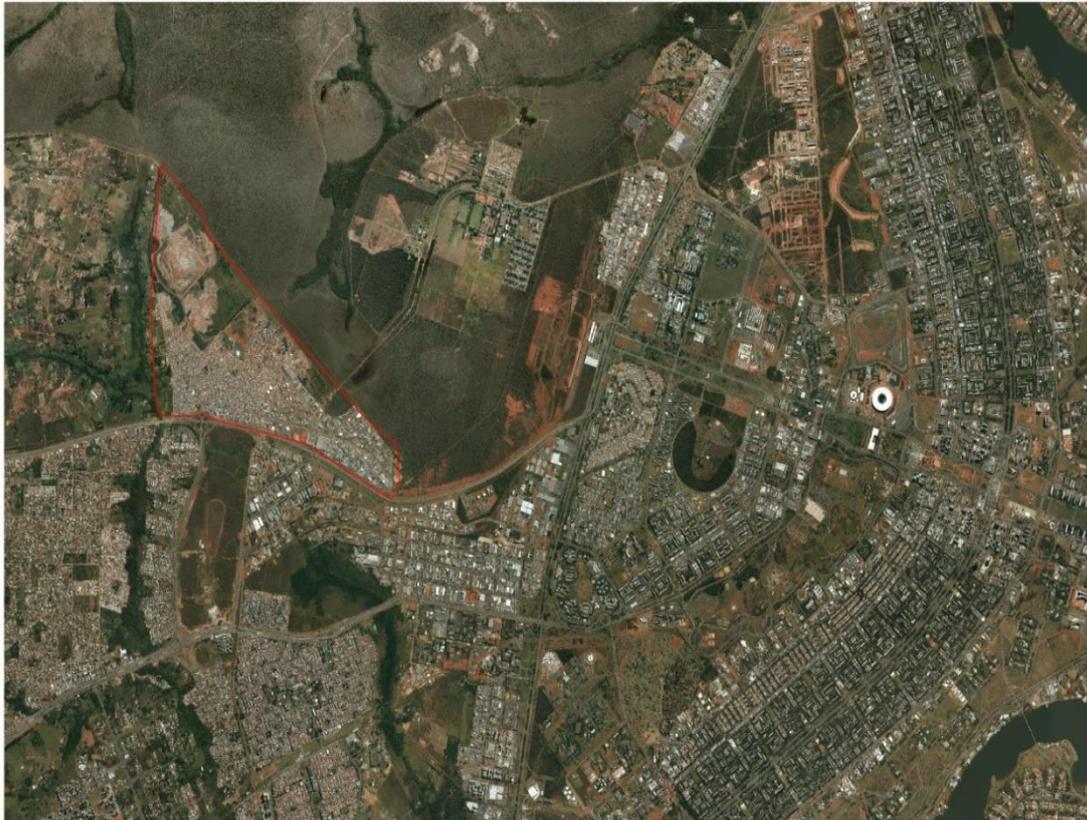


Figura 1: Cidade Estrutural e o Plano Piloto¹

¹ Fonte: Codeplan, 2015

2.1 Brasília como uma nova oportunidade de vida: migração e condições desiguais

Segundo Aldo Paviani (1996), foi possível identificar que a criação de Brasília apareceu como uma possibilidade de novas chances para a mudança e melhoria de vida para milhares de pessoas de todo o Brasil, afinal a criação da capital sugeria a necessidade da criação de muitos empregos em setores variados, aparecendo assim como uma possibilidade de conseguir um novo emprego, nova residência e diferentes modos de vivências.

É justamente devido estes fatores atrativos que Brasília sofreu um rápido crescimento demográfico, resultado da grande migração em busca de melhores condições de vida, que se fundou na esperança popular depositada no novo horizonte, na capital que ainda estava sendo edificada por Juscelino Kubitschek, que já havia anunciado a mudança da capital para o centro oeste. Essa movimentação de pessoas era oriunda de todas as regiões do Brasil, porem foi nítido a migração principalmente do Nordeste, Minas e Goiás, pela população primordialmente de baixa renda. (Paviani, 1991).

Com o inchaço da cidade, a falta de moradias acessíveis para as pessoas de baixa renda no plano piloto, devido à alta especulação imobiliária (reflexo de uma política de moradia voltada exclusivamente para os servidores públicos), começou o surgimento dos centros periféricos ao redor do centro político, que logo se depararam com uma postura relapsa do governo em relação à infraestrutura, ao saneamento básico, ao transporte, entre outras necessidades básicas para o estabelecimento humano. Este tipo de desenvolvimento urbano desigual que ocorreu no DF foi pensado previamente, no planejamento que estipulava a criação das cidades satélites afastadas do plano piloto que abarcaria os centros comerciais, o que não ocorreu necessariamente, pois Taguatinga virou um polo comercial muito mais forte do que o Plano Piloto. O padrão de ocupação espacial que abrange o tipo de apropriação desigual do espaço é uma característica do desenvolvimento urbano sob a égide do capitalismo. As consequências são periferização e segregação sócio-espacial de grandes partes da população (CORRÊA, 2002), é possível notar que tal padrão pode ser visualizado no Distrito Federal, e para

melhor exemplificação de como esse padrão se constitui e influencia diretamente nas dinâmicas estruturais e sociais da Cidade Estrutural, utilizaremos a citação a seguir:

Um padrão de ocupação espacial é, então, o resultado dessas escolhas ou decisões, com graus diferentes de liberdade e de empoderamento. A espacialização só confirma as diferenciações sociais existentes e que se tornam espaciais, sem deixar de ser sociais. O padrão de ocupação do território alimenta essas diferenças e vai além delas: leva à segregação socioespacial e à periodização. Periferização e segregação são fatores a mais de exclusão e significam menos oportunidades de inserção da população.

(FERREIRA, VASCONCELOS E PENNA, 2008, p.4).

As condições abruptas apresentadas pela capital propiciaram o fato de não haver a reinserção de grande parte dos migrantes, que vieram trabalhar como mão de obra para construção de Brasília e após a conclusão desta, não encontraram oportunidades para serem recontratados para outros serviços, isso ocorreu devido ao Plano Piloto ter sido pensado e direcionado como uma área de trabalho principalmente para concursados do serviço público e político.

A parcela principal da população que não foi reinserida no mercado de trabalho era majoritariamente de negras e negros, vítimas do racismo institucionalizado. Consequente a especulação imobiliária forte no centro do DF, existia uma dificuldade latente em se encontrar moradias que fossem acessíveis e relativamente próximas do PP. Para melhor compreensão do leitor, segundo Doyle, “Torna-se necessário dizer que, em Brasília, não teve, na prática, o dom de proporcionar uma maior igualdade social ou um maior acesso a propriedade, serviços e equipamentos por parte das camadas mais desfavorecidas” (DOYLE, 1996, p.118).

Como resultante, essa parcela da população se encontrou desabrigada e em situação de vulnerabilidade, e esta porcentagem populacional excluída encontrou como uma possibilidade de sobrevivência, a

opção de separar e revender o lixo do depósito de materiais derivados da construção da nova capital. Na época de aproximadamente 1970, começou então a ocupação irregular pela população carente ao redor do lixão, vale ressaltar que este depósito no planejamento inicial de Brasília era temporário, e acabou se tornando no Aterro Sanitário Jockey Clube, o maior lixão a céu aberto da América Latina, e a ocupação irregular habitacional ao redor, na atual Cidade Estrutural.

Essa ocupação foi um reflexo dos fatores citados anteriormente, conciliando a oportunidade de gerar renda do lixo, com a moradia próxima ao PP. Essa parcela da população se encontrava desamparada pelo governo e sem sustento e/ou moradia, em uma nítida situação de vulnerabilidade, recorrendo assim aos meios possíveis para assegurar sua sobrevivência, sendo este meio o trabalho como catador, um trabalho de risco. Para melhor compreensão vamos expor o conceito de vulnerabilidade, pois este explicita a situação na qual a população carente se encontrava, e porque tiveram que buscar sua estabilidade em um lugar tão problemático.

Esta vulnerabilidade expressa-se, portanto, no cerceamento dos direitos, sejam eles econômicos, políticos ou culturais. Aqui, conectam-se a discussão da pobreza e da exclusão: o cerceamento do direito de ter dignidade, de ter saúde de ter habitação digna, de ser respeitado, de ter participação política, de ser representado, de ser ouvido, de poder falar. (HOGAN; MARANDOLA, 2006, p. 29).

Com o passar dos anos, o governo começou a reconhecer a resistência da população residente no espaço ao redor do lixão e seu crescimento. Essa questão passou a ter mais visibilidade pelo GDF no começo da década de 90, nesta época foi realizado o cadastramento de 393 residentes no local, e constatando que destes moradores, aproximadamente metade (149) dos registros de habitantes cadastrados constava o trabalho como catador de lixo.

O seguinte quadro mostra o desenvolvimento histórico de ocupação da área, atualmente reconhecido por Cidade Estrutural, e as posturas tomadas pelos governantes nas devidas épocas de seus mandatos. Interligado ao Aterro Sanitário Jóquei Clube e os planejamentos de aumento de área para despejo, manejo e os primeiros sinais de pautas sobre a desativação.

Cronologia do histórico de ocupação da Vila Estrutural.	
1957.	Processo de expropriação das terras, antiga Fazenda Bananal.
1961.	Criação do Parque Nacional de Brasília (PNB), decreto nº 241/1961.
1973.	Governo Hélio Prates Depósito de lixo e entulho em uma área pertencente ao PNB
1975.	Governo Elmo Serejo Farias. Constituição do lixão, 46 ha. Primeiros barracos.
1978.	Ampliação da área de depósito de lixo. Surgimento de novos loteamentos, aproximadamente 150 pessoas. Construção da Estrada Parque Ceilândia – Via Estrutural.
1986.	Governo José aparecido de Oliveira. Ampliação da área de depósito de lixo para o norte Surgimento de novos barracos
1991.	Governo Joaquim Domingo Roriz. (2) Nova ampliação do lixão para o norte. Novos loteamentos e adensamento das áreas previamente ocupadas. Aproximadamente 1500 pessoas.
1993.	393 famílias são cadastradas no assentamento.
1994.	700 famílias cadastradas na época.
1997/1999.	Governo Cristovam Buarque O lixão atinge o nível máximo de capacidade. Crescimento das áreas ocupadas. Surgimento de uma nova ocupação: setor de chácaras de Santa Luzia. Intervenção de alguns grupos políticos na Vila. Conflitos sociais: ações de remoção na área.
2000/2003.	Governo Joaquim Roriz (3) Continuação do depósito de lixo. Consolidação do assentamento, população de 25.000 habitantes. Criação do SCIA. Intervenções do GDF, pavimentação, serviços básicos em algumas quadras.
2004.	Estudo de Impacto ambiental. Criação RA XXV SCIA, “cidade do automóvel” e Vila Estrutural.
2005.	Projeto integral da Vila Estrutural, GDF - Banco Mundial. Secretaria de Meio Ambiente decreta desativação do lixão.
2006.	Governo Joaquim Roriz. Classificação como ZEIS – Zona Especial de interesse social. Lei 530/2002
2007/2010.	Governo José Roberto Arruda. Investimento do PAC – GDF para urbanização e reassentamento de famílias. Aumento do assentamento do Setor de Chácaras de Santa Luzia. Conflitos sociais: remoção de moradores.
2011/2013.	Governo Agnelo Queiroz Vila Olímpica e o projeto habitacional próximo ao lixão. Conflitos advindos da possível desativação do lixão.

Fonte: quadro criado por ORREGO, 2013.

O padrão de ocupação espacial continuou a ocorrer, junto ao aumento do adensamento populacional, gerando ocasionais conflitos com o Governo do Distrito Federal. A princípio existia o planejamento de realocação dessa população, porém muitos se negaram a sair devido a sua relação de dependência com o lixão. Com o passar dos anos ocorreram negociações entre os moradores e o governo, estas que resultaram já na década de 2000, no estabelecimento do assentamento e o começo dos projetos governamentais de melhorias de infraestrutura e condições para a população que já se encontrava com cerca de 20.000 habitantes. (ORREGO, 2013).

Como decorrência destes fatos em 2003 criou-se a Região Administrativa da Vila Estrutural. Coligado a isso, iniciou-se também a criação de estudos sobre impactos ambientais na área, que passou a receber mais importância e relevância, devido à proximidade do Parque Nacional de Brasília e de dois córregos, o Cabeceira do Vale ao Oeste e o córrego do Acampamento do lado Leste. As problemáticas de possíveis contaminações entraram em pauta, por consequência de não existir qualquer tipo de proteção para o solo que se localizava abaixo dos resíduos do ASJC. Resíduos estes que geravam a saturação do solo e propiciavam a contaminação por meio do chorume e o risco de afetarem e atingirem o Lago Paranoá, o solo, o lençol freático e atraírem animais exóticos para dentro do PNB, desequilibrando a fauna e flora nativa.

As imagens da página seguinte são para facilitar a visualização da dimensão do lugar Aterro Sanitário Jóquei Clube, conjuntamente, demonstrando seu crescimento no período de 10 anos, atrelado a ocupação espacial referente à Cidade Estrutural, que pode ser notada na parte esquerda inferior da Fig. 3.



Figura 2: enfoque na área do lixão², 2004



Figura 3: enfoque na área do lixão³, 2014

² Fonte: Google Earth.

³ Fonte: Google Earth

2.2A dependência dos catadores do ASJC e seus riscos

2.1.1 A dependência

O estabelecimento da Cidade Estrutural e a regulamentação de uma parcela dos moradores gerou uma maior estabilidade para os catadores residentes. Ocasionalmente assim uma busca por novos empregos mais seguros fora do ASJC, devido aos fatores de risco a saúde e acidentes que o trabalho como catador possui, essas características acentuadas de riscos perigosos estimulam a busca por espaços mais seguros de trabalho.

As problemáticas de doenças, acidentes com maquinários, caminhões e outros potenciais de risco e perigo, geram uma causalidade de afastamento para os catadores, esse fator de risco pode ser caracterizado como perigoso neste caso, porém vale ressaltar que a conotação dada à palavra risco é condicionada pelos efeitos de um fenômeno, podendo então ser negativo ou positivo. Neste caso em específico reconheceremos o fenômeno como as problemáticas de risco a saúde de modo negativo.

Ser um fator de risco significa, portanto, influir diretamente na probabilidade de ocorrência de determinado fenômeno (HOGAN; MARANDOLA, 2005, p.38).

Segundo pudemos constatar nesta pesquisa, de acordo com as conversas em grupo1(CG1) e grupo2(CG2), com a Catadora1(C1), Catadora2(C2), Catadora3(C3) e Catadora4(C4) (o nome dos catadores foi ocultado por uma questão de proteção), em 2014, a existência de tais fatores de risco, instiga os catadores a procurarem melhores empregos, porém quando encontram uma oportunidade, os empregos são apenas temporários, com o salário inferior e mais distante de suas moradias, sendo pouquíssimas as pessoas que conseguem assinar um contrato de trabalho nos padrões de

regime trabalhistas de 8 a 10 horas, devido as suas condições de vida; idade, raça e residência.

Esses três fatores constituem o tripé da dependência e puderam ser constatados por meio de uma reflexão resultante desta pesquisa. O primeiro fator é a raça, da qual se tem como resultante o racismo institucionalizado, este que de forma mascarada dificulta a inserção de afrodescendentes e afro-brasileiros em cargos razoáveis, ou se de fato conseguem o emprego com carteira assinada, ganham menos do que outros funcionários (GUIMARÃES, 1999). Como consequência, do que pode ser explicitado de forma resumida por Ceiça Ferreira (2013, p. 3): “Nesse sentido, vale destacar a condição de subalternidade que predomina sobre a população negra no Brasil e mantém resquícios dos mais de três séculos de sistema escravista, nas mais diversas formas de racismo”.

O segundo fator é a idade do catador, onde muitos possuem uma idade superior a 40 anos. Estes sofrem preconceitos, sendo classificados pelas empresas como inválidos para diversos trabalhos, alegando que haveria demasiada dificuldade para novos aprendizados ou falta de força física como foi exposto pelos entrevistados (C2, C3, C4, 2014) no trabalho de campo. Esses dois fatores atrelados com o local de residência dos catadores (terceiro fator), praticamente anulam suas oportunidades de trabalho com carteira assinada, a Cidade Estrutural mesmo se localizando a menos de 16 km do Plano Piloto não possui uma mobilidade de transporte adequada, que atenda a todos os moradores, por falta de linhas que entrem na cidade ou pelo preço das passagens.

Existe então uma relação nítida de dependência dos catadores do lixão, já que não conseguem outros empregos, ficam condicionados a este trabalho de risco, visando e almejando muitas vezes apenas à possibilidade de conseguirem um emprego mais seguro como fiscal, motorista ou segurança dentro do próprio ASJC. (C1, 2014).

Tal dependência influi diretamente na vida dos catadores, pois devido a falta de inserção no mercado de trabalho, se sujeitam ao que é possível, muitas vezes trabalhando diariamente de maneira exaustiva no lixão para pagar as contas e alimentar os filhos, revendendo o lixo alheio.

Pontuamos que essa dependência se perdura por décadas e o GDF ainda não criou alternativas de trabalho para abranger essa população carente em situação de vulnerabilidade. (C2, C3, C4, 2014).

2.3 Os riscos

A grande parte dos catadores trabalha recolhendo lixo a mais de uma década, na maioria das vezes desde que chegaram a Brasília conforme os próprios catadores informaram (C1, C3, C4, 2014), e já presenciaram incontáveis acidentes de trabalho e mortes dentro do local. A maioria dos acidentes que apresentam riscos de vida é acarretada pelos maquinários do ASJC, como por exemplo, os caminhões que já atropelaram ou soterraram de resíduos alguns catadores, ou pelas máquinas de aplainamento do lixo e tratores, que após o despejo do lixo, distribuem e espalham a carga, em seguida há o aplainamento e a compactação do lixo, ocasionando a quebra de objetos cortantes ou pontiagudos, como barras de metais, lataria de carro, vidraçarias quebradas, que ficam parcialmente soterrados ocasionando muitos acidentes.

Um fator importante a ser observado não é apenas a falta de atenção dos motoristas que contribuem para o alto índice de acidentes no lixão, mas sim o lugar no qual trabalham, e as problemáticas que o permeiam, aonde os catadores arriscam suas vidas para coletar o lixo o mais rápido possível antes da compactação, ou pegar o melhor resíduo sólido (com menos danos) logo após o despejo do caminhão de lixo ou muitas vezes no mesmo momento, tais condições apresentam fortes riscos de morte (visualizado em lócus). Como pode ser ilustrado na figura que segue abaixo:



Figura 4: Despejo de lixo, pátio principal⁴

Os riscos de vida que enfrentam cotidianamente já tiraram a vida de muitos catadores, e até que esse risco seja reconhecido pelo GDF e que este tome uma postura de proteção aos catadores, por meio de uma política pública ou a manutenção de materiais de proteção, continuarão acontecendo mortes e acidentes, decorrentes de processos irreversíveis por falta de segurança e amparo. Podemos demonstrar a questão da seriedade do risco de morte mais claramente por meio da citação de HOGAN e MARANDOLA, demonstrando que os que são atingidos, não são apenas os que perdem a vida, mas também os parentes e amigos que sofrem e são diretamente afetados com a perda:

Há riscos que apenas serão conhecidos quando seus efeitos negativos já tiverem afetado muitas pessoas, às vezes com processos irreversíveis; (TORRES 2000, citado por HOGAN; MARANDOLA, 2005 p.39).

O perigo físico vivenciado pelos catadores está presente principalmente para aqueles que trabalham no pátio principal, no topo do lixão, local aonde a maioria retira sua renda, é onde o maquinário pesado está presente e há o maior número de acidentes e mortes. Acidentes como a perda

⁴ **Fonte:** foto tirada por Gilda Diniz/Cedoc 2010

de membros por atropelamento ou aplainamento, onde os catadores não conseguem sair do caminho dos maquinários a tempo, ou mais trágico ainda, a perda da própria vida pela procura do melhor lixo de alguém que não viu o seu valor e o descartou. (CG1, CG2, C1, C2, C4, 2014).

Há também o risco biológico e químico, que está presente devido às condições do ambiente que são favoráveis a reprodução, e atrativos de diversos tipos de vida que apresentam riscos de contaminação para a saúde dos catadores, como ratos, escorpiões, baratas, insetos transmissores de doenças, aves como o urubu e outras aves como os pardais que após viverem se alimentando do lixão passam a carregar agentes patogênicos, esses animais são proliferadores de doenças e convivem com os catadores todos os dias. (Correio Brasiliense especial, SARAIVA et al. 2014).

Os catadores estão expostos a riscos de saúde cotidianamente como, doenças de pele, berne ou dermatobiose (infecção provocada pela deposição de larvas da mosca varejeira na pele), infecções ocasionadas por cortes e machucados em resíduos sólidos pontiagudos e cortantes do lixão, doenças mais graves como leptospirose, dengue, diarreias infecciosas, parasitoses, amebíase ou a contaminação por líquidos químicos de baterias de celulares, carros, pilhas e similares que tem potencial tóxico. (USP, coletivo saúde, 2013).

São, portanto críticas, as condições de vida desses catadores e em vista disto se faz necessário um olhar voltado para seus papéis em nossa sociedade, além da busca pela garantia de melhores condições de trabalho e vida, para que possam realizar de forma digna a função que pouquíssimos querem, a separação do lixo, para que este possa retornar ao ciclo de produção industrial, sendo reciclado e reutilizado.

É importante ressaltar a funcionalidade e os impactos positivos de informar por meio da mídia, e aplicar por meio de políticas públicas, o reforço da necessidade de reciclar, de realizar dentro dos lares a separação dos resíduos sólidos e a utilização da coleta seletiva, que acarretaria numa diminuição dos riscos à saúde dos catadores.

2.4A apropriação do lugar e sua geograficidade

O reconhecimento do risco de vida faz com que muitos catadores tenham uma grande coragem para enfrentarem cotidianamente, problemáticas de risco como, doenças e acidentes (C2, 2014). E, além disso, há uma constante luta por melhorias, um dos modos de pressionar e de protesto utilizado pelos catadores é o fechamento do lixão, em movimentos que visavam estabelecer condições mais justas de trabalho e para demonstrar sua indignação com o descaso do GDF e do Sistema de Limpeza Urbana (SLU) acerca de todos os catadores que já faleceram no lixão. (MNCR, autores anônimos, 2015).

Por conseguinte devido à pressão dos catadores, o fechamento do lixão e a falta da coleta do lixo, o governo reconheceu a problemática e botou como pauta política a criação de soluções e modos de mitigação, porém esta postura só foi assumida após a reclamação das classes médias, altas e ambientalistas, atrelada a divulgação na mídia pelo não recolhimento do lixo, o mau cheiro, proliferação de baratas, e pela reclamação da contaminação e alteração do Parque Nacional de Brasília.

Em decorrência destes fatos conglomerados a outras situações problemáticas nos lixões do Brasil inteiro, tomou-se como medida, a criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos e o incentivo de um novo modo de coleta nacional, a coleta seletiva foi então instituída.

Devido à nova iniciativa do governo em investir na coleta seletiva, resultaram-se em pequenos avanços na questão de segurança para uma parcela dos catadores. Estabeleceu-se um novo pátio para descarga do lixo coletado, com cooperativas que trabalham especificamente com a separação de um determinado tipo de lixo seco, como o papelão, a pet (plástico mais grosso), o metal e o vidro dentre outras sub-separações. Havia também a instalação de tendas para a proteção do sol e esteiras para a separação de materiais, porém estas foram derrubadas e danificadas no período de chuva pelos ventos fortes no começo do ano 2015. Estas informações são

provenientes de conversas com a gerência do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) instalado no ASJC. (Conversa Experimental, 2014) e por observação in lócus.

Na seguinte figura, visamos ilustrar as condições dos catadores das cooperativas e o pátio para descarga específico, e instigar uma comparação com a figura anterior, podendo-se notar e pontuar que apresenta condições de trabalho menos abruptas, e de certo modo um maior aparato de segurança, como luvas grossas e protetores de rosto contra o sol e insetos.



Figura 5: Despejo de lixo no pátio da coleta seletiva⁵

Dentre as melhorias destacadas pelos catadores (CG1, CG2, C2, C3, C4, 2014), uma das mais impactantes foi a seguridade da carteira de trabalho assinada, a aposentadoria, e o reconhecimento como uma função digna e fundamental para a regulação e equilíbrio entre a produção de produtos e a reciclagem, auxiliando a roda da economia de maneira mais sustentável. Dessa maneira eles acrescentam no seu plano de aposentadoria os frutos do trabalho de catador, por meio de separação de resíduos sólidos específicos nas cooperativas, e também existindo como uma possibilidade de renda extra os trabalhos formais de meio período (diarista), informais (vendedora ambulante), e bicos (trabalhos que não são fixos e consiste em uma troca de serviços imediatos, como motoboy, cozinheira...) que podem ser realizados em horários

⁵ **Fonte:** Foto tirada por Catarina Callado, julho de 2013

livres, gerando uma renda auxiliar.

As novas condições de trabalho de uma parcela dos catadores inseridos em cooperativas, pode ser exemplificada com o estabelecimento da seguridade de ter uma aposentadoria, novas logísticas de organização e uma maior segurança estabelecida pelas cooperativas, tais mudanças acarretaram no surgimento de uma nova relação com o espaço, menos agressiva e com mais visibilidade positiva, assumindo assim uma perspectiva de lugar para os catadores. O lugar para nos neste trabalho pode ser reconhecido como:

Centro de significados, condição da própria experiência foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto para nossas ações e fonte de nossa identidade, o conceito de lugar se opõe ao geometrizado espaço abstrato do neopositivismo e, a diferença deste, está pleno de significados e valores, que são inseparáveis da experiência de quem os habita, de seus pensamentos e sentimentos (BALLESTEROS, 1992, p.11).

O lugar (ASJC) passa a ser visto e reconhecido pelos catadores, como algo além de ser apenas o meio pelo qual ganham dinheiro, mas também como o modo no qual vivem suas vidas (C1, 2014), onde estabelecem relações, e criam um orgulho próprio de realizarem uma função essencial para o equilíbrio da sociedade (C3, 2014), conforme pôde ser confirmado por meio do embasamento nos resultados das entrevistas realizadas. Este equilíbrio citado se baseia na inserção da reciclagem no sistema atual de consumismo, interligado ao obsoletismo programado e a produção em larga escala, gerando então a reinserção desse material antes considerado lixo, na reprodução de novos produtos.

Em decorrência do convívio dos catadores com o lixão, pudemos perceber que há uma geograficidade nítida, esta, expressa pelos diversos modos de conhecimento e relação com o lugar, que se constitui circundada em interação e fixação existencial por meio da utilização do espaço como fonte para o estabelecimento humano (DARTEL, 1990). Quando ocorre o reconhecimento pelos catadores com o lugar, firma-se uma relação mais

profunda e densa, permeada por diversidades, estas que se expressão por meio da geograficidade.

Geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos da habilidade do homem e para as quais há uma fixação existencial (DARTEL, 1990, p.120).

Os catadores atribuem ao lugar um valor de gratidão por propiciar um modo de trabalho para sobreviverem e criarem seus filhos, criam laços afetivos e diversos amigos, delimitam territórios de concentração de materiais separados por cada catador, aproveitam com felicidade produtos que chegam com poucos danos (CPU, celular, sapatos, ursinho de pelúcia, roupa...) e levam para suas casas. (C1, C2, C3, C4, 2014)

O Aterro Sanitário Jóquei Clube passa então a ser percebido pelos catadores como, repleto de significados e significantes, de sentimentos, valores, pensamentos e perspectivas (C1, C2, C4, 2014). Transpassando o condicionamento de apenas sobrevivem do lixão, mas também sendo visto como um lugar para vivenciar, criar amizades, almoçar, cochilar, conversar, um lugar onde se criam e estabelecem afetos, onde por exemplo, ao se encontrar um cachorro, logo desenvolve-se um carinho e este animal é adotado, passa a ser considerado da família e recebe um nome, não necessariamente esse animal irá para a casa do catador, mas estarão juntos na hora do trabalho, estarão juntos na hora do descanso (C3, 2014). O lugar é repleto de cachorros que se locomovem como uma matilha em volta do seu líder humano.

3. A PROBLEMÁTICA DO CATADOR EM RELAÇÃO AO FECHAMENTO DO LIXÃO

Este capítulo tem como intuito abordar as problemáticas que permeiam o fechamento do lixão e como isso afeta e afetará os catadores, abrangendo também suas visões de modo amplo e como este dilema influencia em suas vidas.

O modo pelo qual foi desenvolvido se baseia na análise do diálogo estabelecido entre os atores (catadores e órgãos governamentais), as propostas do governo e as possíveis consequências geradas para essa população dependente do ASJC.

3.1 O Fechamento

Na atual situação do lixão, não há previsão para que ocorra o seu encerramento, que por lei no projeto Plano Nacional de Resíduos Sólidos, deveria ter sido efetuado em agosto de 2014. Porém, devido a problemas referente a mudança de governo e estagnação nos processos de licitação, o lixão não pode ser fechado antes da conclusão das obras do aterro em Samambaia. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2010).

O dilema acerca do fechamento do ASJC já estava pautado há muitos anos, por questões de cunho ambiental, que podem ser exemplificadas pela contaminação do solo, lençol freático e proximidade do PNB, além de questões políticas como a localização relativamente próxima ao PP. Entretanto só começou a tramitar como projeto de lei no ano de 2007, ocorrendo a consolidação em 2010 da lei que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos para todo o país, estabelecendo um prazo a âmbito nacional do fechamento de todos os lixões no limiar de quatro anos. (Dados da PNRS 2ªed, Adolfo et al. 2012).

Em consequência, começou então a construção de aterros sanitários que se encaixarão no novo quadro da lei nº 12.305, este que teve suas normas delimitadas pelos referentes órgãos; Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISAMINA), Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS), Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (QUASA) e o Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (SINMETRO), que visaram um maior equilíbrio para o sistema de tratamento do lixo brasileiro, possuindo uma meta de taxas menores de danos (poluição visual, poluição física...) e taxas maiores de reaproveitamento (reutilização, reciclagem...).

No caso específico do ASJC, existiram diversos fatores que pressionaram para que o fechamento ocorresse de modo rápido, como a pressão por parte dos órgãos ambientais, pelos devidos fatos, de não existir uma camada protetora do solo, o lixão ser a céu aberto (sendo pontuado como o maior lixão a céu aberto da América Latina pelo Senado Federal), a sua localização ao lado do PNB e de dois córregos que deságuam no Lago Paranoá, a sua proximidade com o Plano Piloto e as más condições de trabalho dos catadores que já geraram diversas mortes. (SENADO FEDERAL. 2014).

Entretanto, com a mudança do governo Agnelo para o de Rollembergue, resultou-se no atraso nas obras que ficaram estagnadas, devido às burocracias ocasionadas pela suspensão do edital, por exemplo, o requerimento de uma nova licitação para a verba da construção do Aterro de Samambaia, onde o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) aponta e explica: “O problema não está na execução das obras. O que originou o atraso foi a suspensão do edital pelo Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF) para análise. A liberação só ocorreu mediante apresentação de liminar pelo SLU e, por isso, as obras só começaram no final de outubro”, porém as obras permanecem atreladas a diversos problemas e conseguintes paralisações por falta de verba, não há então um prazo determinado para a finalização e a abertura do novo aterro, que está intrinsecamente vinculado com o fechamento do antigo ASJC. (Jornal de Brasília, Ludmila Rocha, 05/01/2015).

3.2O diálogo com o governo

A negociação entre o governo e os catadores está caminhando a passos lentos, pelo que foi constatado nas entrevistas de fato não há nenhum acordo firmado ainda, nem a aceitação das propostas do governo por parte dos catadores em relação ao fechamento. (CG1, CG2, C3, C2, C4, 2014).

A frente do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) está pressionando o governo a favor do fechamento do lixão e exigindo o estabelecimento de condições mais seguras de trabalho para os catadores no outro aterro, porém até agora o governo não tem se mostrado flexível quanto às próprias propostas que não contemplam todos os catadores. (MNCR, 2014).

As cooperativas de catadores que trabalham no ASJC possuem posturas muito diversas, gerando em alguns casos o início de conflitos com o próprio MNCR, ocasionados pela postura de alguns líderes de cooperativas que se negam a acreditar e aceitar o fechamento do lixão, realizando movimentos contrários ao governo, muitas vezes fechando os portões do aterro junto de catadores não vinculados às cooperativas, porém que também apoiam a permanência de atividade no lixão. (CG1, CG2, 2014).

Portanto é notável que exista uma problemática no diálogo entre o governo e os catadores em sua ampla diversidade, muitas vezes por divergências referentes às propostas pós-fechamento feitas pelo GDF, em outros casos pela falta de acesso a informação por uma parcela de catadores.

Há uma grande porcentagem de catadores que não acreditam na desativação do lixão, (CG1, CG2, C1, C2, C3, 2014), pois já foram estipuladas diversas vezes prazos de fechamento, o qual nunca se concretizou, gerando assim uma falta de credibilidade em relação ao GDF. Devido aos recorrentes anúncios de fechamento do lixão, a maioria dos catadores não possui uma preocupação em se informar, sobre as possibilidades advindas das propostas quanto ao encerramento de atividades no ASJC, se atendo apenas a continuar

seus trabalhos de separação de resíduos sólidos, ignorando a chegada de tal problemática.

Isso acarreta uma falha de comunicação com o governo, já que é necessária a união e participação dos catadores, que se encontram fragmentados, para que surja uma pressão em prol de melhorias e da fixação de seus empregos com mais seguridades, como o plano de saúde, que só será alcançado por meio de muito diálogo, que poderá estabelecer um acordo positivo para ambos.

3.3 As propostas do governo

Segundo um especial sobre o lixão realizado por diversas autoras e sendo editado por Maria Julia Mendonça do Correio Brasiliense em 2014(consta na bibliografia eletrônica), teve-se acesso a entrevistas realizadas com representantes do GDF, catadores e cientistas, e pôde-se verificar que inicialmente as propostas apresentadas e direcionadas ao fechamento do ASJC eram as seguintes:

A primeira e mais utilizada proposta no Brasil, é o fechamento definitivo do lixão sem mais despejos dos caminhões de lixo, para que possa acontecer a degradação natural do material depositado anteriormente, e conjuntamente a isso, o monitoramento da área por cerca de trinta anos.

O problema nesse caso seria a perda de serventia do trabalho dos catadores no lugar do ASJC, gerando assim uma necessidade em se buscar trabalho em outro(s) centro(s) de triagem(s) de resíduos sólidos, no futuro aterro sanitário de Samambaia. Entretanto ainda não está estabelecida a logística de pátios de separação no local, tão pouco foi estruturado um planejamento de mobilidade para o deslocamento desses catadores residentes principalmente na Estrutural. Há também a existência da dificuldade de monitoramento regular do lixão, devido à falta de profissionais que verifiquem a contenção do chorume e a captação do gás metano de modo seguro, para

garantir a segurança ambiental, sanitária e social da população da Estrutural, dos córregos próximos e do PNB.

A segunda opção seria a separação dos materiais sólidos remanescentes por meio dos catadores, para a reciclagem e a reutilização, e, ocorrendo após esse processo a compostagem do restante do material, principalmente orgânico. Posteriormente seria realizado o estabelecimento de dutos de captação dos gases e vias para o escoamento do chorume e tratamento, para obtenção de gás metano, que poderia vir a ser útil como gás natural e possível fonte de energia.

A terceira proposta é a mais inviável para o governo, devido aos altos custos, que seriam investidos no transporte do material residual do lixão para outros aterros sanitários, o que custaria uma alta verba ao GDF, para movimentar milhões de toneladas de lixo para outras áreas, que também necessitariam de financiamento para serem criadas com suporte para abranger os caminhões de lixo e seu conteúdo, visto que o aterro sanitário Samambaia não irá receber este lixo, apenas o lixo que será gerado diariamente pela população, indústrias e obras civis.

Atualmente o governo não tem criado novas clausuras de melhoria, ou de fato efetuado alguma proposta que foi negociada e aceita pelos catadores, como por exemplo, a criação de centros de triagem e cursos de capacitação na região da Cidade Estrutural (ADASA, 2011).

De acordo com fontes secundárias (Fórum Estrutural, 2014 e Correio Brasiliense, 2014), a primeira proposta é a que possui mais visibilidade de ser aplicada por parte do governo, já que esta é a que possui maior viabilidade econômica, devido os baixos custos de monitoramento pós-fechamento. Como resultante dessa proposta efetivada sem a criação de novos centros de triagem de resíduo sólidos, seria gerado desemprego para muitos catadores, que não teriam condições de se deslocar até a Samambaia diariamente para trabalhar, de modo exaustivo durante horas e retornar ao lar.

A figura a seguir tem o intuito de ilustrar as difíceis condições de trabalho da maior parte dos catadores do ASJC. Trabalhando próximo de tratores, em meio a insetos e animais perigosos, rodeado de diversos tipos de

lixo diferentes e possivelmente prejudiciais a saúde, embaixo de sol ou chuva, separando e carregando sacos de materiais recicláveis. Portanto podemos ressaltar a necessidade de um novo sistema de separação de resíduos sólidos, e não apenas criar novos lixões com as mesmas problemáticas, mas sim procurar resolver de um modo onde os catadores não saiam lesados, e que seja de aplicabilidade viável ao Governo do Distrito Federal.



Figura 6: condição de trabalho da maior parte dos catadores do ASJC⁶

⁶ **Fonte:** Foto tirada por Wilson Dias, Abril de 2014

3.4 As perspectivas dos catadores acerca do fechamento

Para poder compreender plenamente as percepções dos catadores sem julgamentos ou preconceitos, precisamos romper com pensamentos prévios e barreiras internas, para que seja possível nos colocarmos no lugar de quem vivencia a experiência, ou seja os catadores. Sendo assim:

É necessário excluir as crenças nas explicações e considerações existentes e, igualmente, sobre os nossos próprios preconceitos, e tentar colocar-nos na posição daqueles que estão experienciando o fenômeno (RELPH, 1978, p.).

Por uma parte dos catadores não há a possibilidade de seja efetivado o desligamento do lixão, já que este foi postergado tantas vezes que muitos desacreditam que veja a ser concretizado, e pelo principal motivo que é o fator da própria resistência existir. Alguns grupos de catadores já se organizaram para que o fechamento não ocorra, afirmam que há a falta de condições para trabalharem em Samambaia, pelo custo da locomoção, a contínua defasagem de aparatos, a carência de produtos mais seguros para o manuseio dos materiais sólidos, a falta de criação dos novos centros de triagem, e pela impossibilidade de todos serem reinseridos no novo aterro, gerando um desemprego para uma parcela grande dos catadores, principalmente os informais. (CG1, C2, C3, 2014).

Em outra perspectiva, vários catadores desejam o fechamento, pois acreditam que haverá melhorias nas condições de trabalho, pela participação do governo que fundaria centros de triagem separados do local de depósito de lixo, pátios com esteiras para seleção, local coberto para o trabalho, postos para descanso e almoço, roupas próprias, luvas e botas especiais para manuseio do resíduo sólido, entre outras melhorias esperadas como o plano de saúde, vale transporte, vale alimentação, além de possivelmente um salário

fixo. (C4, MNCR, 2014, 2015).

A questão a ser pontuada nesse caso, é que tais melhorias não foram confirmadas pelo governo, e a estrutura que está sendo construída em Samambaia, não possui um local próprio com os aparatos adequados para os catadores. Entretanto o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis está em constante pressão e negociação com o governo, possuem o intuito de garantir que as condições necessárias para a realização de um trabalho justo, com menos perigos e riscos sejam aplicadas. (MNCR, 2015).

O fator de destaque no caso, é que não há um consenso entre todos os catadores, assim como não existe um meio de informação disponível para todos, ou o interesse comum em se informarem sobre o andamento do processo de desligamento do lixão (C1, 2014), também não há muita participação em reuniões de catadores do ASJC. Em contrapartida existe a interligação de vários catadores e líderes de cooperativas com o MNCR para o estabelecimento de melhorias, porém mesmo que haja esse diálogo e fortalecimento do movimento, vários catadores não aceitam a ideia de perderem seus empregos na Estrutural e terem de se locomover até a Samambaia ou até os possíveis centros de triagem. (CG1, 2014).

Há então o fomento de uma dicotomia dos catadores, tentaremos demonstrar que esta situação, é totalmente compreensível devido às dificuldades presentes na negociação com o governo, e a falta de interesse deste em dar visibilidade aos catadores, além de um merecido reconhecimento, referente à fundamental importância destes para um equilíbrio entre a produção pelas indústrias, a coleta e a separação, a fim de criar um ciclo rentável e sustentável de reprodução de produtos por meio da reciclagem.

As percepções referentes ao fechamento do lixão são diversas e destoantes, sendo demonstrado por alguns catadores que possuem o receio do lixão ser fechado e ficarem desempregados, outros aparentam apatia e confiança de que não será fechado e não permitirá que isso aconteça, (CG1, C1, C2, 2014), porém por outra perspectiva uma porcentagem sonha e deseja o fechamento do lixão, para que possa se tranquilizar ao efetuar seu trabalho sem medo de machucar ou adoecer, acreditando assim na melhoria do trabalho como catador.(C4, MNCR, 2014)

O ASJC é então percebido como um mundo repleto de características e significantes, permeado por preocupações que abrangem seu futuro e o dos catadores, que geram valor ao lugar atribuindo sentimentos e emoções, reflexos do convívio e cotidiano, que é preenchido pelo trabalho de separação de resíduos sólidos. Para que este parágrafo fique mais claro, vincularemos a percepção da pesquisadora com a citação a seguir:

Todos os lugares são pequenos mundos.... Lugares podem ser símbolos públicos ou campo de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação (TUAN, Yi Fu, 1974, p.70).

A seguinte figura procura explicitar o lugar do ASJC e sua correlação com a Vila Estrutural, sendo possível visualizar a dimensão do lixão em comparação com a mesma.

Estrutural - 2014



Imagem: Landsat 5
Fonte: INPE



Figura 7: Vila estrutural⁷

⁷ **Fonte:** Codeplan, 2015

4. A VISÃO DA ESSÊNCIA DO LUGAR (ASJC) PELOS CATADORES

4.1 O reconhecimento com o lugar

Como fruto das observações, convivências e conversas com os catadores foi possível notar que como resultante do contínuo convívio com o ASJC, os catadores passam a se ver como integrantes fundamentais do lugar, e começam a ressignificar seu trabalho, passam a se reconhecer como elementos importantes para a reciclagem, como ferramentas para o equilíbrio, como guerreiros, como corajosos, como catadores com orgulho do trabalho que desempenham. (C1, C2, C3, C4, C5, 2014).

Entretanto o reconhecimento das condições abruptas do lugar ASJC, e das variadas situações de risco e perigo, fazem com que muitos sintam certa repulsa de trabalharem desta forma, sentem medo de arriscarem suas vidas cotidianamente, de não saberem se voltaram pra casa, medo de não saber se conseguirão pagar a comida do mês e as contas, por isso há uma imensa coragem em enfrentar essas aflições diariamente, em trabalhar o máximo possível, independentemente de sua idade ou condição de saúde. (C2, C3, C4, 2014). Em vista disto o lixão pode ser entendido como:

Território demarcado, personalizado, possuidor de uma aura que atrai ou repele, mas envolve, protege, resguardando as vivências e as experiências da vida, criando ambiências, sendo pausa de movimentos maiores” (MELO, 1991, p.153).

As conversas informais (entrevistas focalizadas) realizadas deram uma base para que pudéssemos saber como os catadores se sentem, o que eles pensam sobre o lixão, o que acarretou no fato de irem trabalhar neste local, como isso influi em suas vidas, e também como eles enxergam os pesquisadores e reportes que vão ao ASJC e muitas vezes realizam

abordagens rápidas, fazendo perguntas de modos metódicos e sem envolvimento, que lhes parecem uma atitude apática e às vezes até insensível, isso fez com que houvesse um afastamento de muitos catadores independente da abordagem apresentada nesta pesquisa, por não quererem se relacionar com qualquer tipo de exposição do seu próprio ser.

Neste caso particularmente, foram quase que majoritariamente femininas, as participações, permissões e envoltimentos nesta pesquisa, adentrando em uma conversa franca e sincera, abrindo-se, expondo suas vidas, se emocionando. Enquanto em outra mão os homens conversavam brevemente, alguns sem pararem seus trabalhos, ou afirmando que estavam com pressa, o que tentamos compreender também, pois meia hora de conversa no mínimo, é correspondente a meia hora de trabalho e renda “desperdiçados”.

Nos relatos, foi possível abstrair algumas sensações e sentimentos de compartilhamento, como no caso da contribuinte da C1, mulher, negra, com 36 anos, que trabalhou como catadora por 18anos, sob sol e chuva, sobre lama, lixo e chorume, convivendo com os riscos de doenças e acidentes constantes, quanto mais trabalhava, mais ganhava. Atualmente trabalha a quase 2anos como fiscal de acesso do lixão, por ser mais seguro, no momento ganha salário fixo da empresa de fiscalização, diz que a segurança e alívio de não ter que subir nos pátios de lixo valem mais do que se pode imaginar, como catadora recebia uma quantia maior de dinheiro, porém “o sofrimento e o risco do trabalho a se pagar com suor e saúde não vale os perigos”. (C1, 2014).

Durante a conversa, ambas nos emocionamos muito, e era notável que transparecia pelos seus olhos as imensas dificuldades que passou e viveu, notava-se em suas pernas, que a própria nos mostrou com manchas e machucados que não se curaram desde a época em que trabalhava no pátio. Essas marcas a lembravam que o lixão foi a oportunidade de trabalho que a auxiliou para sobreviver e criar seus filhos com orgulho e dignidade, que ajudou a construir e mobiliar sua casa de madeirite e outras coisas encontradas no lixão, como moveis e brinquedos, lugar que lhe propiciou amizades, uma esperança de vida em meio a capital abrupta.

Ela transpassava uma imensa coragem, uma familiaridade com o lugar, conhecia cada pátio e cada cooperativa, amiga de muitos catadores e funcionários, possuía uma alegria sincera ao mostrar as plantas que crescem no lixão e como isso para ela é fascinante, mostrando de modo bem transparente sua relação com o lugar. Se tornando nítido quão indissociável é a relação com o lugar inserido no espaço, que é permeado por subjetividades e percepções que refletem na vida de quem o vivencia. O espaço sendo então o que circunda e cria uma base para o lugar existir, formando estruturas de tempo e interação com objetos perceptivos. Para melhor assimilação do leitor utilizamos a citação de TUAN, que visa destrinchar o espaço no qual se estabelecem as condições para a ressignificação que tece o lugar, este que brota em seu interior devido a um alto grau de entrelaçamento de subjetividades com vivências locais.

A estrutura e o tom sentimental do espaço estão unidos ao equipamento perceptivo, à experiência, ao temperamento e propósito do indivíduo humano. Nós adquirimos conhecimento do mundo através das possibilidades e limitações dos nossos sentidos. O espaço que nós podemos perceber estende-se na frente e ao redor de nós, e é divisível em regiões de qualidades diversas. Removendo o mais distante e cobrindo a mais vasta área está o espaço visual. Ele é dominado pelo horizonte amplo e por objetos pequenos e indistintos. Esta região puramente visual parece estática ainda que as coisas se movam em seu interior ... Ao caracterizar a estrutura do espaço, eu introduzo os termos passado, presente e futuro. A análise da experiência espacial parece requerer o uso de categorias temporais. Isso por que nossa consciência das relações espaciais dos objetos não é jamais limitada as percepções dos objetos em si: a consciência do presente está, em si, imbuída das experiências passadas em movimento e tempo, com memórias de gastos passados de energia, ela é movida em direção ao futuro pelas demandas de ação dos objetos perceptivos (TUAN, 1979, 398-400).

A percepção de outra catadora repleta de orgulho é a contribuinte da C3, mulher, negra, 51anos de idade, sempre acompanhada de seu cachorro que durante um mês a seguiu pelo lixão, até que ela se afeiçoou e o adotou. Mostrou-nos sua carteira de catadora da cooperativa com um sorriso e um brilho nos olhos transpassando muita realização, relata que sempre trabalhou com honestidade e se sente muito orgulhosa disso, porem vê muito sofrimento no trabalho e tenta conseguir outro emprego como terceirizada, mas não consegue, devido aos três fatores já explicados, raça, idade, localização, o fator mais pungente é a saúde devido à idade neste caso, pois já possui sete hérnias de disco, reflexos do esforço de catar resíduos sólidos a mais de 11anos. Reconhece o lixão como uma oportunidade que a ajudou a sobreviver e fazer amigos que a apoiaram em momentos difíceis, além de ser um lugar no qual sempre retirou muita coisa útil e em boas condições de uso para sua casa.

Para exemplificar mais uma vez a diversidade de sentimentos pelo lixão: Contribuinte da C4, mulher negra, 50 anos de idade, possui muito pavor do atual modo que se encontra o lixão, trabalha lá puramente pela necessidade, mas com um sentimento muito grande de medo, teme sofrer algum acidente ou pegar doenças, diz que está dolorida e velha demais para continuar se desgastando tanto. Ela agradece por ter a possibilidade do lixão como uma forma de trabalho e pela ajuda que ele oferece a muitas pessoas, mas acredita que o fechamento do lixão, resultaria em melhorias e condições mais justas de trabalho para todos, pois existiria o estabelecimento do plano de saúde, pátios de descanso, aparato adequado para trabalhar (botas, luvas roupas especiais) entre outros fatores, que iriam gera para ela uma sensação de maior conforto e segurança ao continuar trabalhando como catadora.

Entretanto mesmo com o lado ruim e crítico do lixão, as pessoas entrevistadas em sua grande maioria têm algum tipo de relação de afeto e um entrelaçamento com o lugar, além de um sentimento comum de agradecimento, pois foi o modo de trabalho que os auxiliou e a todos os outros catadores a estarem vivos e a criarem seus filhos, foi o lugar aonde firmaram-se grandes amizades, lugar pelo qual vivenciaram e vivem dilemas, onde alguns até se apaixonaram, foi da onde tiraram objetos para suas casas, e em alguns casos foi até o lugar de onde conseguiram alimento direto. (C1, C2, C3, C4, 2014).

A figura a seguir visa mostrar o catador do pátio central e seus aparatos pessoais para separação específica de papelão.



Figura 8: catador em ação individual⁸

4.2A influência do trabalho como catador no cotidiano fora do ASJC

Há uma relação nítida entre o trabalho e cotidiano além das cercas do lixão, no caso dos catadores há uma interligação extremamente forte devido à dependência existente que já foi explanada mais diretamente no primeiro capítulo, neste tópico abordaremos especificamente a influência na vida cotidiana fora do lixão e os seus lugares de vivência.

Os lugares são percebidos diferentemente pelos catadores e abrangem diversos tipos de sentimentos e memórias, conforme suas especificidades e vivências, por exemplo, a dicotomia entre o lixão e o lar dos catadores, que recebem simbologias diferentes, o lar recebe atributos de segurança e de descanso, diferente do lixão que é vinculado com perigos e instabilidade (C2, C3, C4, 2014), podemos explicitar que existem diferentes assimilações atribuídas ao mesmo lugar, e tais diferenças são justamente o

⁸ **Fonte:** Foto tirada por Gabriel Azevedo, 2013

que estrutura a identificação ou não com o lugar, significando-o com as qualidades e defeitos do espaço.

O homem é ator geográfico, o lugar é seu espaço de vida, todas as relações aí se misturam num labirinto de ligações veiculando nossos sentimentos, nossas memórias e nossos símbolos... O sentido do lugar reflete a qualidade percebida de um espaço... Esse sentido do lugar é essencial na identificação humana (BAILLY, 1998, p.216).

Pelas entrevistas realizadas, deu-se a entender que não há muito tempo livre fora do trabalho no lixão, onde algumas pessoas vão trabalhar às 06h00min da manhã e retornam para a casa apenas ao escurecer, na grande maioria das vezes ao chegarem a seus lares, a primeira coisa que fazem é tomar um banho intenso, pois sentem uma sensação de sujeira e o cheiro forte do lixão impregnado na pele, fazendo com que o banho seja um momento de limpeza e também de libertação, gerando um bem-estar e leveza grandiosa, um momento de desprendimento físico e emocional do ASJC. (C1, C2, C3, C4, C5, 2014).

É comum utilizarem o tempo livre após o banho, para fazerem comida para a família conjuntamente com o almoço do dia seguinte, que levam para se alimentarem durante o trabalho no ASJC, o tempo é utilizado para cuidarem das crianças e da casa, além de descansar assistindo televisão até a hora de dormir, sobrando pouco tempo do dia, para de fato a realização de algum hobby, que muitas vezes necessita de locomoção para ser realizado, como por exemplo, aproveitar uma oficina de alta costura que esteja ocorrendo no PP (C1, C2, C4, 2014).

É possível pontuar a existência também dos catadores que utilizam o pouco tempo remanescente para costurarem roupas e bolsas, realizarem recuperação de produtos do lixão para venda na feirinha de domingo (realizada no começo da Cidade Estrutural), e para conseguirem gerar uma renda complementar como forma de auxílio no cotidiano, utilizam o pouco tempo livre para trabalhar em outras ações rentáveis. (CG2, C3, 2014).

Segundo o que pude observar, vale ressaltar que o montante monetário de sobra, muitas vezes determina as condições para realização de lazer, compras de alimento, vestuário, e melhorias na moradia em que residem, inclui também no modo de locomoção e no planejamento de possíveis viagens para visitar a família e descansar.

A quantia recebida do trabalho no lixão não é muita, porém é suficiente para pagar contas e comprar comida, esse pagamento é baseado no tanto que se trabalha, ou seja, pela quantidade de material separado e revendido. Dependendo do tamanho da família e da ajuda que eles apresentam em casa, as vezes pode sobrar um pouco de dinheiro ou faltar, como no caso observado na C1: Sustenta quatro de seus filhos que residem junto a ela, sendo um maior de idade, que não trabalha ou estuda, ao final do mês não sobra praticamente nada de dinheiro para investir em sua casa ou em si mesma.

Destacaremos a existência de alguns catadores que cuidam do jardim da casa nos finais de semana como modo de relaxamento, e embelezamento da residência gerando um sentimento de limpeza no ambiente, (BOFF, 2013). Porém vale ressaltar que esses catadores não são a maioria e entre os que foram entrevistados apenas dois de cinco revelaram tal atitude como parte do cotidiano (C2, C4, 2014), inclusive uma das catadoras (C3, 2014) relatou que já tentou ter um jardim, mas que por falta de manejo as plantas morreram, e ela desistiu de tentar continuar plantando, afirmando ter a “mão podre” pelo trabalho no lixão.

4.3O reflexo na alimentação

Como condição básica e primaria para sobrevivência, a alimentação está vinculada com o modo de vida dos catadores, podendo ser entendida como um reflexo das suas condições, onde há uma correlação direta entre o poder aquisitivo e o tipo de comida que é ingerida por essa pessoa.

Como um dos resultados desta pesquisa, pudemos notar a diversidade de alimentações presentes no ASJC, deste o consumo de um prato básico de arroz, feijão e macarrão ao consumo deste mesmo prato com o adicional de uma porção de carne, legumes e verduras, ou um prato simples de arroz feijão e legumes.

No caso da primeira entrevista informal (C1, 2014) ela explicitou que a sua alimentação devido à falta de dinheiro, é basicamente o primeiro prato citado, porém sem o arroz, pois ela não gosta do sabor, entretanto mesmo assim faz para os filhos comerem. Ela contou e me mostrou plantas nativas do cerrado (chamadas popularmente de serraia e mostarda) que crescem em meio ao lixão, ela colhe, leva para casa, lava bem e deixa de molho no vinagre, para depois poder comer como salada. Sua alimentação e de seus filhos quase não possui carne devido ao alto preço, possivelmente podem comer uma vez na semana um frango ou uma carne que tenha custo baixo, como relatou.

Em outra mão há uma grande diferença, no caso da contribuinte da terceira entrevista (C3, 2014), está informou que o fundamental que não pode faltar em sua vida é comida, pois já passou fome e recorda que é uma das piores sensações possíveis, como consequência, ela disse que gasta “sem dó”, boa parte do salário no supermercado, pois acredita que os alimentos são mais seguros do que os da feira, que são cultivados próximos ao lixão e podem ser contaminados pelo chorume. Ela possui uma vasta alimentação, consome diariamente, arroz, feijão, diversos legumes e verduras (entre eles, abóbora, batata, cenoura, quiabo, couve, alface...). E o principal segundo ela, a carne.

Nitidamente podemos notar uma grande dicotomia alimentar dos catadores, existindo também o meio termo, que é o caso observado na segunda entrevista, (C2, 2014) em que a catadora expressou seu gosto e apreço por verduras e legumes (couve flor, abóbora japonesa, cenoura, batata doce, tomate, entre outros) relatou que consome diariamente em grande quantidade e diversidade, o consumo de carne é raro porem costuma ocorrer uma vez na semana. Ela informa que costuma comprar as verduras, legumes e folhagens frescos na feira e tem conhecimento que são cultivados próximos ao lixão, afirma que é melhor comprar um alimento fresco possivelmente

contaminado pelo chorume e ajudar alguém, do que comprar no supermercado um alimento envelhecido e repleto de agrotóxicos pelo dobro do preço.

Existe então uma diversidade grande no lixão, no que se refere à alimentação, porém como a balança sempre pende mais para um lado, neste caso ela pesa para uma alimentação baseada praticamente nos grãos básicos (arroz e feijão) e em algumas verduras, legumes ou folhagens, onde de acordo com as perspectivas expostas nas entrevistas focalizadas, três de cinco não fazem questão de comer carne todos os dias (C1, C2 e C4, 2014).

Devido às trocas de informações pelas entrevistas realizadas, é ponderado que há uma boa relação de consumo pelos catadores, de alimentos que podem ser plantados e colhidos com certa facilidade (bom rendimento e falta de cuidado constante), como a abóbora, o quiabo, a couve e a cenoura. Descobre-se então um fator que torna mais propício a ideia da implementação de hortas comunitárias para os catadores da Cidade Estrutural, como uma forma de auxílio alimentar no futuro fechamento do ASJC, com acesso a esse resultado podemos começar a abordar mais profundamente o tema da agroecologia, que servirá de base para a efetivação de hortas coletivas.

5. A POSSIBILIDADE DAS HORTAS COMUNITÁRIAS COMO UMA FORMA DE AUXÍLIO PARA OS CATADORES

A princípio, neste capítulo, vamos explicar as bases da ciência agroecológica, e como esta pode servir de estrutura alimentar, quando vinculada com os catadores para a construção de uma horta urbana viável, que possua baixos custos e não precise de insumos externos.

Posteriormente explanaremos a fundo a possibilidade e utilidade desta para os catadores, como eles veem e percebem a ideia de uma horta comunitária, como eles a vivenciarão, e abordando se de fato pode ser um viés de auxílio pós-fechamento, do Aterro Sanitário Jóquei Clube.

5.1 As bases da agroecologia urbana e sua aplicação

A agroecologia serve como base de transição para outras vertentes de plantio e produção, como a agricultura orgânica, sistemas agroflorestais e a agricultura urbana e periurbana (AUP), neste caso específico focaremos na agroecologia com viés urbano e na AUP, pois esta pode se encaixar de modo equilibrado e sustentável no modelo de vida dos catadores, devido à utilização básica de materiais resultantes dos próprios processos de manejo urbano, como a compostagem do lixo orgânico, reutilização de materiais recicláveis para construção de limites dos canteiros e hortas verticais. (ALMEIDA, 2004).

A figura seguinte demonstra uma horta coletiva com bases agroecológicas em São Paulo, efetivada pelo instituto brookfield em parceria com a comunidade. Podemos notar a utilização de materiais reciclados para construção dos limites dos canteiros e para enfeitar as divisões.



Figura 9: horta comunitária com bases agroecológicas⁹

A atual produção de alimentos ocorre principalmente de dois modos, pelo principal modelo atual de produção, que é resultante da revolução verde, e consiste na produção em larga escala da maior quantidade de alimento possível no menor tempo, sem a devida preocupação com os impactos deste estilo de produção nas plantas, no solo, no ar, na água e seu reflexo no organismo humano. O segundo modelo surgiu recentemente e se institui pelas grandes indústrias que não utilizam agrotóxicos, aproveitando o “Market Verde” para obter lucro imediato nos alimentos “corporgânicos”, entretanto não possuem um planejamento de manejo adequado do solo. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004)

A agroecologia urbana aparece em contramão como um modo sustentável de produção de alimentos em áreas urbanas e periurbanas, observando as variáveis importantes para a garantia de um alimento seguro, como por exemplo, o uso de um adubo orgânico na época certa do ano, a análise da água para verificar o PH, e a utilização de materiais internos, se tornando então, independente no máximo possível de insumos externos, possuindo um custo baixo, e sendo assim, acessível para a implementação em regiões que existem uma carência da população.

A análise de uma horta urbana agroecológica como viés de

⁹ **Fonte:** Site Instituto brookfield, 2014

mitigação, das problemáticas do lixo, pode ser pontuadas exatamente pela praticidade e aplicação em pequena escala, visamos exemplificar melhor tal fator com a citação de ASSIS a seguir:

Nesse sentido é que a agroecologia é considerada especialmente apropriada para o entorno urbano, posto que sistemas de produção orgânicos com foco agroecológico caracterizam-se como um instrumento interessante para viabilização da agricultura em pequena escala, em regime de administração familiar, tanto em sistemas de parcelas individuais como em explorações associativas, posto que a baixa dependência de insumos externos facilita a adoção dessa forma de produção por esse tipo do agricultor (ASSIS, 2003, p.40).

As bases agroecológicas, se firmam na ideia de possibilitar uma transição equilibrada, em busca da sustentabilidade entre os processos de produção alimentar e o meio no qual são feitos. (CAPORAL, 2013) Esse equilíbrio se estabelece, quando há uma relação de respeito ao meio ambiente, consciência e preservação ambiental, onde se procura compreender os impactos do uso dos agrotóxicos pulverizados aereamente, o empobrecimento do solo por extensos monocultivos, o bombeamento de adubos químicos no solo e na água, além da resultante contaminação destes. (WEBER, 2013).

Conhecendo tais impactos, é possível então refletir sobre as formas de produções sustentáveis para contra balancear com o atual sistema agrário, como é o caso, na busca por novos modos de contenção de pragas, adubação do solo, e plantio, como os corredores ecológicos e agentes de biocontrole, a adubação por meio de fertilizantes naturais, adubo orgânico resultante de compostagem, diversificação e consorcio entre plantas, além de outras bases mais amplas. (PORRO, 2013).

Essas bases agroecológicas podem ser utilizadas para a construção de hortas comunitárias em áreas urbanas, como modo de auxílio às populações carentes. Podemos citar exemplos conhecidos da aplicação de

bases agroecológicas na agricultura urbana, como é o caso de Cuba, que conseguiu abastecer o país por meio da agricultura urbana quando sofria o bloqueio comercial, ou a cidade de Camilo Aldão na Argentina, que recebeu um investimento do governo para criação de hortas urbanas que abastecem a cidade, há também o caso das periferias do Rio de Janeiro que começaram a utilizar espaços comuns para construção de hortas comunitárias e no caso de Kumasi em Gana, onde a maior parte da produção urbana abastece a própria cidade e tem-se difundido a compostagem como modo de produção do adubo orgânico, entre outros casos. (ASSIS; AQUINO 2007 e MELO, 1991). Tais experiências urbanas de agroecologia fomentam a sua aplicabilidade e função social, podemos notar tal fator então, de modo mais aprofundado, na citação a seguir:

As experiências urbanas com agricultura se dirigem à valorização de espaços limitados, onde residem populações socialmente marginalizadas, para uma produção voltada ao autoconsumo, possibilitando o aumento da disponibilidade de alimentos e a diversificação da dieta das famílias. Além disso, o exercício da agricultura urbana vem permitindo que as famílias envolvidas fortaleçam seus laços de vida comunitária, condição indispensável para a emergência de estratégias coletivas para fazer frente aos riscos de insegurança alimentar e nutricional (WEID, 2004, p.6).

Como consequente, há um vínculo entre comunidades carentes e a utilização da agroecologia, Crispim Moreira defende que as principais populações urbanas que utilizam e participam de hortas urbanas, são de classes baixas e marginalizadas, com pouco poder aquisitivo, fazendo o uso dessa ferramenta agroecológica para sobreviver e se alimentar. (MOREIRA, 2008).

No caso de Brasília é possível expor por meio de vivências uma utilização dessa ferramenta por pessoas de classe média e alta, como grupos da UnB que realizaram hortas comunitárias e agroflorestas dentro do campus,

como por exemplo, o Núcleo de experimentação sócio cultural em agroecologia urbana (NESCAU) que consiste em um projeto de extensão em geografia, e foi fundado com o objetivo de integrar a agroecologia na região da Cidade Estrutural entrelaçado com os moradores e coletivos da cidade, também sendo possível visualizar pelas RAs áreas de cultivo coletivos embaixo de prédios ou entre quadras, como é o caso da quadra 312norte.

Entretanto vale ressaltar que no caso deste estudo o foco são os catadores do ASJC residentes na Estrutural, que pelo trabalho a campo realizado, claramente se enquadram no quadro social marginalizado exposto. É exatamente nesse enfoque que se dá a importância da agroecologia urbana, como uma possível forma viável para a efetivação das hortas comunitárias na área, com intuito de auxiliar a parcela da população de catadores, que se encontra em estado de carência e marginalização.

5.2O pensamento dos catadores acerca da agroecologia urbana

A relação que se desenvolve por meio das entrevistas, propicia um campo fértil de transferência de conhecimentos, uma abertura para os catadores expressarem seus pensamentos e perspectivas, pois ocorre uma troca de vivências e realidades, onde por meio da conversa se transmite e se recebe informações, em decorrência, há um reconhecimento com as reflexões alheias e a construção conjunta de um novo modo de perceber e pensar os lugares (ASJC e as hortas).

Para abordar o tema da agroecologia foi necessário instigar os catadores a relatarem o que pensam dos alimentos, como interagem com as frutas e verduras, o fato de ser fresco ou não, se possuem conhecimento do local aonde é cultivado e como são os seus olhares acerca dos pesticidas, adubos e as possíveis contaminações pela proximidade do lixão (SOGLIO, 2013). Esta abordagem ocorreu de forma natural, e a instiga foi apenas abranger o assunto da alimentação cotidiana, trazendo para a conversa nos

momentos certas questões de reflexão, a fim de despertar uma consciência acerca do processo real de produção de comida e os fatores que o transpassam. Citaremos Freire para explanar mais profundamente a conscientização que queríamos alcançar, para o desenvolvimento fluido e espontâneo da conversa, com um fundo crítico social:

Num primeiro momento, a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica. Noutros termos, na aproximação espontânea que o homem faz do mundo, a posição normal fundamental não é uma posição crítica mas uma posição ingênua. A este nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual ele está a procura. Está tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE,1980, p.26).

Nas entrevistas individuais, a consciência referente a um alimento seguro foi divergente, de modo que as catadoras entrevistadas (C1, C2, C4, 2014) não demonstravam preocupação referente a uma possível contaminação pelo chorume das plantas nascidas no lixão, ou cultivadas em chácaras próximas, entretanto relatavam incomodo com a quantidade dos agrotóxicos presentes nos alimentos dos supermercados, não sabendo apontar qual dos dois tipos de alimentos seria o mais prejudicial. Porem independente desses fatores eles preferem os alimentos plantados próximos ao lixão, por serem frescos e mais acessíveis.

Devido à publicação diminuta e mínima de estudos profundos e concretos sobre os dois modos de contaminação e uma dificuldade de acesso aos trabalhos existentes, torna-se praticamente inacessível esse tipo de

conhecimento para os catadores.

Como resultante de outras entrevistas focalizadas realizadas (C3, C5, 2014), foi possível notar a concepção negativa atribuída à contaminação dos alimentos pelos resíduos do lixo, ou da utilização de águas contaminadas pelo chorume, eles pontuaram que tais influentes devem ser extremamente prejudiciais à saúde, conclusão essa fruto do pensamento popular, preferindo-se então o consumo de alimentos dos supermercados, pois mesmo que estes possuam agrotóxicos e sejam mais caros, aparentam serem mais seguros devido à verificação da ANVISA.

Toda via, em um fator todos concordaram; os produtos cultivados sem agrotóxicos e sem riscos de contaminação são os mais seguros a saúde, com mais nutrientes e mais gostosos, na C5 foi inclusive explicitado que a relação criada com o alimento que se planta, colhe e se consome não tem comparação com os comprados, pois possui uma superioridade nítida em relação a nutrientes e sabor, além de estar entrelaçado ao sentimento de apego e cuidado atribuído por quem o cultivou. Deste modo apresentamos superficialmente o que seria a agroecologia e como ela se encaixa com os conhecimentos expostos pelos catadores.

De modo a facilitar a compreensão do leitor referente à ligação que desejamos fazer dos catadores, com as hortas comunitárias criadas com bases agroecológicas em áreas urbanas, esta podendo servir de auxílio e acesso a alimentos saudáveis, citaremos a seguir uma passagem que aborda a interligação entre os princípios agroecológicos, a segurança alimentar e o respeito aos conhecimentos tradicionais:

A agricultura orgânica que se idealiza para as áreas urbanas sustenta-se nos princípios da agroecologia, cujo esteio é o uso responsável do equilíbrio biológico da natureza, uma agricultura orgânica que, como colocam Lattuca et al. (2002), possibilita obter bons níveis de produtividade, evitando ao mesmo tempo todo tipo de risco de contaminação química para o agricultor urbano e os consumidores, bem como do meio ambiente. Por outra parte, ela incorpora os avanços da ciência,

promovendo a participação criativa dos agricultores, respeitando os conhecimentos, culturas e experiências locais (AQUINO; ASSIS, 2007 p.139).

O conceito de agroecologia urbana não foi citado em nenhum momento pelos catadores, porém seus princípios foram expostos de maneira implícita e imperceptível pelos mesmos, isso consequente dos conhecimentos tradicionais, adquiridos anteriormente pelo fato de serem repassados pelas suas famílias, como o exemplo da reutilização do lixo orgânico, onde alguns catadores disseram (C1, C2, C5, 2014) que esse material pode ser usado como adubo, é nutritivo para a terra, e até que poderia ser um modo de diminuir o montante de lixo molhado que chega no ASJC.

Outro exemplo é o consorcio entre plantas, onde apontaram que é positivo plantar várias espécies juntas, semear diversas sementes, pois além de existir a chance de uma quantidade maior de sementes germinarem, algumas crescem auxiliando a outra planta, como é o caso do feijão e do mamão (C5), onde o pé de mamão serve de apoio para o feijão subir e o protege do sol e em troca o feijão faz a cobertura do solo com folhas mantendo a umidade do solo, pontuaram também o uso de minhocas que é uma ferramenta essencial para o arejamento e afofamento da terra.

O tema sustentabilidade foi abordado (C2, C4, 2014) em alguns momentos, vinculado com o lixão, visando à reciclagem como um dos modos mais propícios de reinserção do material sólido de volta ao ciclo de produção, diminuindo assim a exploração de novas áreas pela busca de minérios. A sustentabilidade ocorre quando há um uso consciente e a reutilização da maior parte dos materiais, tendo-se uma preocupação com as futuras gerações, analisando os impactos do nosso atual modelo desenvolvimentista, tentando contrabalancear com o estabelecimento de um viés autossustentável. (DIAS, 2007). Podemos explicitar a sustentabilidade das hortas urbanas pela seguinte citação, que aborda alguns princípios da agroecologia:

A sustentabilidade da agricultura urbana deve estar apoiada no manejo agroecológico, que inclui o uso de substratos e manejo orgânico do solo, técnicas de rotação e associações de cultivos e manejo fitossanitário alternativo ao convencionalmente utilizado, bem como na utilização de todo espaço disponível, para maior produção o ano todo, e integração interdisciplinar e interinstitucional para assessorar a produção (COMPANIONI, 2001 citado por AQUINO; ASSIS, 2007, p.140).

A figura a seguir procura ilustrar de modo aplicado os princípios agroecológicos que os catadores expressaram, como o consórcio entre plantas e o uso de minhocas presentes na terra. Exemplificando os conceitos abordados a respeito da agroecologia e suas bases, tal como o manejo agroecológico.



Figura 10: Princípios agroecológicos¹⁰

¹⁰ **Fonte:** Google imagens, 2015

Com a percepção agroecológica mais aprofundada e a visão dos catadores acerca do plantio e seus conhecimentos tradicionais de manejo, é possível notar que há uma viabilidade na ideia de implementação das hortas comunitárias com bases agroecológicas, isso devido aos baixos custos, manejo familiar, poucos insumos, necessários a primeiro plano e posteriormente nenhum insumo, procurando se tornar autossustentável, para que esta possa servir como auxílio a comunidade dos catadores em situação de vulnerabilidade.

5.3 As perspectivas dos catadores sobre a construção de hortas comunitárias

As perspectivas dos catadores, referente às hortas comunitárias parecem favoráveis, pois das entrevistas realizadas em grupos na CG1 e na CG2, de cinco pessoas três disseram que participariam efetivamente na horta, ajudando no manejo e na construção, todos afirmaram que seria interessante a construção de hortas comunitárias podendo auxiliar na alimentação de uma parcela dos catadores, apontaram também que a implantação em escolas poderia ser muito positiva para as crianças, pois poderia ser uma ferramenta de conscientização ecológica, e um modo de se relacionarem com um meio ambiente diferente do normal e se tranquilizarem, fugindo momentaneamente da realidade abrupta.

Porem também demonstraram que não acreditam que seria uma maneira viável para auxiliar todos os catadores, no caso do lixão ser realmente fechado, a menos que fossem aplicadas em suas casas as extensões dos aprendizados referentes à agroecologia, como hortas suspensas.

Nas entrevistas individuais foi possível uma maior captação acerca da percepção dos catadores, pois a conversa foi constante e longa, podendo ser expresso diversos pensamentos e sentimentos possíveis, em relação às hortas, não sendo apenas um modo de se conseguir alimentos saudáveis, mas

também um lugar para se tranquilizar cuidando das plantas (C1, 2014), de descanso, lazer (C4, 2014), e de interação entre os catadores (C5, 2014), um lugar para relaxar após o trabalho como uma forma de terapia (C3, 2014), e possivelmente um modo de realizar uma conscientização ambiental por meio da vivência com as crianças da Cidade Estrutural (C2, 2014).

No levantamento de dados individuais (C1, C2, C4, C5, 2014), foi demonstrada uma simpatia às construções das hortas, acreditam que poderá ser um modo viável de auxílio independente do fechamento do lixão, porém considerando a variável de como o fechamento vai ocorrer, provavelmente não conseguiria abranger todos os catadores, pois são milhares, cerca de quase três mil (não há um número concreto, pois a maioria não tem cadastro, o último cadastro realizado pela Codeplan foi em 2005, e foram cadastradas cerca de 1.300 pessoas), onde possivelmente uma parcela estaria desempregada, com contas a pagar e fome, sendo necessária então a participação do governo em políticas públicas e posturas de inserção no mercado de trabalho e auxílio a essa população carente.

Uma problemática existente na efetivação das hortas comunitárias na Cidade Estrutural é a localização desta e a verificação do solo e água, para garantir que não haja a contaminação pelos materiais derivados do lixão e pelo chorume, a fim de assegurar a segurança alimentar destes catadores que usufruiriam dos frutos, legumes e verduras cultivados. Para isso é necessário que se realize uma análise de amostras em laboratórios, este processo de coleta e teste, poderá ser um campo para novos estudos na região, e garantiria a segurança alimentar. (BEZERRA, 2013)

De acordo com o que foi analisado referente ao levantamento de dados nas entrevistas focalizadas, mesmo com a presença de algumas problemáticas importantes, a criação de hortas comunitárias geraria um saldo positivo aos catadores e a população que participaria, pois este lugar receberia uma valoração e sentimentos muito impactantes que refletiriam em suas vidas, no modo de viver e perceber o meio ambiente, seus lares e seus locais de trabalho. Deste modo poderiam vivenciar um novo contexto, levando os conhecimentos adquiridos para dentro de seus cotidianos, como por exemplo, aprendendo a criarem hortas verticais e aplicarem em suas casas, vinculando

lugares. Lugar este que poderia ser percebido por meio da vivência e experiência como, algo além das ações, e sim repleto de simbologias e conscientização.

Implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa (BUTTNER, 1976, p.166).

O fato de vislumbrarem as hortas como um lugar de criação de afetos e vivências, atribuírem sentimentos e expectativas, pensarem o lugar como terreno para lazer comunitário, o fato de ser um espaço que também é fonte de alimento, enriquece esta pesquisa, pois foram encontrados resultados além dos esperados, existe uma relação de abertura muito ampla e apoio a esta ideia, onde foi possível pensar conjuntamente em “n” fatores de melhorias de vida que seriam gerados pelos catadores e para os catadores, independentemente de a horta suprir a todos, ela continuaria sendo um espaço importante de significados e significantes, influenciando diretamente na qualidade de vida dos catadores residentes na Cidade Estrutural.

É possível destacar algumas perspectivas relativas às hortas pelos catadores, como a atribuição de valores como o aprendizado, a coletividade e o cuidado com a terra. Os sentimentos gerados como a esperança de um lugar para descanso, a tranquilidade e a paciência com as plantas. A simbologia atrelada à horta comunitária é principalmente a união e a paz. (C1, C2, C3, C4, C5, 2014)

A figura seguinte procura ilustrar a dinamização e participação coletiva nas hortas comunitárias.



Figura 11: Dinamismo e coletividade em hortas comunitárias¹¹

Como resultante das entrevistas e conversas, ficou nítido que há o apoio à efetivação das hortas comunitárias, embora alguns não a vejam como um modo de auxílio eficaz para todos os catadores no pós-fechamento do lixão, mesmo assim percebem sua importância e seu papel, sendo uma ferramenta de conscientização ambiental e socialização, além dos alimentos produzidos que auxiliariam a dinamizar e a suprir a alimentação de algumas famílias. Lembrando também o repassamento de conhecimentos que poderiam ser aplicados para além da horta urbana agroecológica.

¹¹ **Fonte:** Site instituto brookfield, 2014

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos responder com este trabalho como o ASJC pode ser percebido como um lugar pelos catadores, e quais as perspectivas dos catadores a respeito fechamento do lixão e suas possíveis consequências, interligado com a percepção dos catadores a respeito das significações e sentidos que as hortas comunitárias poderiam abarcar. As abordagens realizadas foram as entrevistas focalizadas com os catadores, abrangendo de modo fenomenológico as perspectivas, pensamentos e sentimentos que respondem as perguntas principais.

A percepção dos lugares (ASCJ e as hortas comunitárias) foram amplas, e ao mesmo tempo complementares, as simbologias e memórias interligadas ao lixão possuíam características fortes, como a dualidade entre o medo e a coragem, a repulsa e o orgulho, já em relação às hortas comunitárias foi um lugar imaginativo repleto de características positivas, como a tranquilidade, a união dos catadores e o cuidado com a terra.

Pode-se concluir neste estudo, que existem muitas variáveis atuais influenciando na vida dos catadores e, portanto é necessário abrangê-las e refletir sobre suas consequências. Uma das questões mais pungentes, que tem que ser explicitada, é o fechamento do lixão, este gera uma movimentação dos catadores, daqueles que acreditam e desejam convictamente o fechamento do ASJC visando melhorias que fazem toda a diferença, como não ter que conviver com o medo de se machucar ou pegar uma doença. Imaginam um lugar limpo para descanso, pois estão muito cansados fisicamente e pensam que de fato merecem um descanso e férias, roupas próprias e aparatos de manuseio de materiais recicláveis, condições menos abruptas de trabalho e a conquista com muito orgulho de direitos trabalhistas, alguns se organizam e lutam pela efetivação de novos pátios organizados e o estabelecimento de um diálogo maior com o governo sobre as futuras condições de trabalho.

Há também a movimentação daqueles que não acreditam ou não querem o fechamento, os que desacreditam muitas vezes não possuem conhecimento das propostas ou cansaram de ouvir que o lixão será fechado

porem isso não ocorre, eles não estão preocupados com as possíveis consequências, pois não as enxergam, tais impactos não fazem parte de suas realidades, ocasionando a continuação de seus trabalhos como catadores, fator que muito lhes aflige, devido aos riscos e perigos que vivenciam cotidianamente.

Em outra perspectiva, há quem não deseje o fechamento do lixão, pois pensam que será gerada uma taxa grande de desemprego, causado pela ruptura daqueles que sobrevivem do lixão e não serão reinseridos no mercado de trabalho, portanto não conseguem imaginar-se trabalhando tão longe de casa sem grandes melhorias de condições, eles então se organizam para que as melhorias aconteçam dentro do Aterro Sanitário Jóquei Clube. Sentem um descaso por parte do governo por não existir um diálogo eficaz entre os dois, porem sentem dentro de si uma força enorme para lutar e resistir, e afirmando de cabeça erguida que não saíram do lugar onde trabalham e possuem relações estabelecidas, até que haja justiça para com todos os que trabalham como catadores no ASJC.

Apontamos a criação de hortas comunitárias com bases agroecológicas como um possível viés de auxílio caso o lixão seja fechado, em resposta foi nítido o apoio e a interação que os catadores demonstraram, imaginando conjuntamente um lugar agroecológico e sustentável, podemos pontuar as simbologias e valores que são atreladas a hortas comunitárias pelos catadores, que imaginam as hortas como lugares de trocas de informações, de descanso, terapia, convívio coletivo, além de um local aonde se pode cultivar alimentos, podendo ser pensado até como um lugar de fuga da realidade subjetiva sensível em que vivem, realidade está, rodeada de fatores conflitantes, de riscos e perigos, dando espaço então para a resignificação do modo de vida e da paisagem pela agroecologia.

De modo geral é plausível afirmar que os catadores entrevistados se encontram propícios à efetuação de hortas comunitárias, que acreditam na ideia e a apoiam, além de uma grande parte ter relatado que participaria efetivamente do manejo das hortas, este que é crucial para que um possível projeto seja aplicado e tenha durabilidade.

Dado essas informações, se torna necessário agora apontar para as

problemáticas que estão interligadas com a criação de hortas comunitárias. Um fator, é que não é possível suprir todos os catadores com as hortas comunitárias, entretanto, pode-se criar projetos de conscientização e transmissão de técnicas de plantio vertical e suspenso, para que eles possam aplicar esses aprendizados dentro de suas casas e realizarem o cultivo de uma parte de seus alimentos (como folhagens).

Essas problemáticas podem vir a ser um futuro campo de estudos referentes ao lixão, como por exemplo, a verificação dos níveis de contaminação do solo e água em laboratórios, pesquisas sobre os reflexos causados pelo contato do chorume com os alimentos e sua segurança alimentar, projetos de acompanhamento do fechamento do lixão e seus impactos, pesquisas sobre a efetividade da coleta seletiva, projetos de ensinamento ambiental em escolas públicas, projetos de extensão da faculdade, entre outras possibilidades de trabalhos na área do lixão e da Cidade Estrutural. Este trabalho de pesquisa pode servir então, como uma base de informações, para pesquisas futuras e projetos na região da Estrutural, com enfoque no lixão e/ou nos catadores.

Para concluir, podemos sintetizar que esta pesquisa, procurou abranger perspectivas diversas, de modo a se complementarem, e demonstrarem as diversas facetas influentes, porém primordialmente com enfoque nos catadores e suas perspectivas. Ressaltando também alguns dos resultados obtidos que não eram esperados no começo da pesquisa, como a imensa significação positiva atribuída pelos catadores à horta, o sentimento de orgulho grandioso pelo trabalho de separação de materiais recicláveis, a diversidade de alimentações, algumas apresentando uma variedade grande de alimentos, entre outros fatores. Porém o que mais me surpreendeu foi a abertura apresentada pelas catadoras com quem conversamos, a sinceridade, a honestidade e a emoção que transpassaram em suas falas e no olhar.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniela. Agricultura Urbana e Segurança Alimentar em Belo Horizonte: cultivando uma cidade sustentável. *Agriculturas – Experiências em Agroecologia*. v. 1, Nº 0, p. 25-28. Rio de Janeiro, 2004.

AQUINO, Adriana M. de. Agricultura urbana de Cuba: análise de alguns aspectos técnicos. *Série Documento Nº 0 160*. Embrapa Agrobiologia, 2002.

ASSIS, Renato L. de. Agroecologia: diferentes entendimentos e encaminhamentos a partir de uma abordagem histórica. *Agroecologia e Agricultura Orgânica: cenários, atores, limites e desafios – uma contribuição do CONSEPA*. p. 23–45. Vitória, 2004.

BAILLY, Antoine S.; SCARIATI Renato. L' Humanisme em géographie In: BAILLY, ^a et al. *Les Concepts de la Géographie humaine*. Armand Colin. Paris, 1998

BALLESTEROS, Garcia Aurora. *Geografia y Humanismo*. Oikos-tau. Barcelona, 1992.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. Transcrito dos *Annals of the Association of American Geographers*. p.277-292, junho 1976. Título do original: "Grasping the dynamism of lifeworld". Tradução de Neide Piran e Antonio Chistofolletti. In: CHRISTOFOLLETTI, Antonio (org.). *Perspectiva da Geografia*. DIFEL, São Paulo, 1985.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Agroecologia: conceitos e princípios*. Brasília, 2004. DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre. Nature de la réalité géographique*. Ed. CTHS. Paris, 1990. (Primeira edição francesa, PUF, Paris, 1952).

DIAS, Freire Genebaldo. *Pegada Ecológica e sustentabilidade humana*. Ed. Gaia. Brasília, 2007

FERREIRA, Ignez C. B.; VASCONCELOS, Ana M. N.; PENNA, Nelba de Azevedo. *Violência urbana: a vulnerabilidade dos jovens da periferia das cidades*. Brasília, 2008.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Cortez & Moraes. São Paulo, 1980.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto-A fenomenologia de Husserl? *Ideação*, Feira de Santana, n.5. p.13-36, jan./jun. Feira de Santana, 2000.
Gil, Antonio Carlos. *MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL*. Atlas. São Paulo, 2008.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Ed. Universidade/UFRGS. Porto Alegre, 2000.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo, 1999.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista- Sua trajetória de 1950 a 1990. Dissertação de Mestrado. URFJ. Instituto de Geociências. Rio de Janeiro, 1992.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanística: Uma contribuição para a geografia contemporânea. GEOgraphia - Ano V - No 10 – 2003.

HUSSERL, Edmund. A Ideia da Fenomenologia. Tradução: Artur Morão. Edições 70. Lisboa, 1990.

MARANDOLA, Eduardo Jr.; HOGAN, Daniel Joseph. Vulnerabilidades e riscos: entre geografia e demografia. São Paulo R. bras. Est. Pop., v. 22, n. 1, p. 29-53, jan./jun. São Paulo, 2005.

MELO, João B. Ferreira. O Rio de Janeiro dos compositores da Música popular brasileira. 1928/1991. Uma introdução a Geografia Humanista. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Instituto de Geociências. DG- Rio de Janeiro, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Martins Fontes. São Paulo, 1996.

MONTEIRO, Denis; MENDONÇA, Marcio M. Quintais na Cidade: a experiência de moradores da periferia da cidade do Rio de Janeiro. Agriculturas – Experiências em Agroecologia. v. 1, n. 0, p. 29-31. Rio de Janeiro, 2004.

ORREGO, Juan F. Muneton. Vila Estrutural: Uma abordagem sobre ocupação e a produção do espaço. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília. Faculdade de arquitetura e urbanismo, programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Brasília-DF, 2013.

PAVIANI, Aldo. A construção injusta do espaço urbano. PAVIANI, A. A conquista da cidade–Movimentos populares em Brasília. Editora UnB. Brasília, 1991.

PAVIANI, Aldo. Brasília, moradia e exclusão. Editora UnB, Brasília, 1996.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. In: Geografia, 25, Abril 1978.

SANTOS, Fernando A. As políticas públicas do Governo do Distrito Federal para a habitação da população de baixa renda na Vila Estrutural: A implantação do projeto integrado Vila Estrutural-PIVE. Dissertação (Graduação), Universidade de Brasília. Instituto de Humanas, Departamento de Geografia. Brasília, 2013.

SANTOS, Milton. O espaço do Cidadão. 4 ed. Editora Studio Nobel. São Paulo, 1998.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica. Editora, EDUSP. São Paulo, 1978.

TORRES, H. da G. e COSTA, H. (Orgs.). População e meio ambiente: debates e desafios. SENAC. São Paulo, 2000.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo | Rio de Janeiro, Tradução: DIFEL, 1980 (1ª ed. norte-americana: Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1974).

TUAN, Yi-Fu. In: Progress in Geography. P. 211- 252, 1974. Citado por HOLZER, Werter, in: Revista TERRITÓRIO, Rio de Janeiro Ano IV.

Palestras do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia (2013):

Fábio Kessler Dal Soglio et al. A construção do conhecimento agroecológico: Uma análise a partir da participação entre atores. Porto Alegre, 2013.

Francisco Roberto Caporal et al.. Agroecologia: na rota da sustentabilidade. Porto Alegre, 2013.

Islandia Bezerra et al.. Direito humano a alimentação adequada (DHAA) e agroecologia: desafios e perspectivas teórico-prático. Porto Alegre, 2013.

Leonardo Boff. Agroecologia cuidando da saúde do planeta. Porto Alegre, 2013.

Noemi Porro et al.. Direitos coletivos e acesso a biodiversidade. Porto Alegre, 2013.

Susamara Weber. Reflexões sobre a necessária articulação entre segurança alimentar e agroecologia no contexto brasileiro. Porto Alegre, 2013.

Referência em meio eletrônico:

ADASA. Articulação e capacitação dos catadores do aterro do jôquei para atuarem no centro de triagem de resíduos sólidos da vila estrutural. 2011, (Gov.). Visualizado em sete de junho de 2015. Disponível em:

http://www.adasa.df.gov.br/images/stories/anexos/licitacoes/brasiliasustentavel/bsbCo nc04-2012/CAPACITACAO_CATADORES_%20LIXO_ESTRUTURAL.pdf

AQUINO, Adriana Maria e ASSIS, Renato Linhares. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. Campinas, 2007(Pdf). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v10n1/v10n1a09.pdf>

BALEN, Tatiana Aparecida e SILVEIRA, Paulo Roberto, Agroecologia: Além de uma Ciência, um Modo de Vida e uma Política Pública. 2001, (Pdf). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/01.pdf>

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Política nacional de resíduos sólidos 2ª edição. 2012, (Gov.). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em:

http://fld.com.br/catadores/pdf/politica_residuos_solidos.pdf

CORREIO BRAZILIENZE. Um problema Estrutural, 2014, (Jornal). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/especiais/lixo-da-estrutural/>

FERREIRA, Ceíça. Uma representação de si para o mundo: Afetos e subjetividades no documentário performático. Revista RAZÓN Y PALABRA. 2013, (Pdf). Visualizado em sete de junho de 2015. Disponível em:

http://www.razonypalabra.org.mx/N/N82/V82/12_Ferreira_V82.pdf

FÓRUM ESTRUTURAL. Ambientalistas Criticam Proposta do Governo para Tratamento do Lixo em Brasília. 2012, (Blog). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em: <http://forumestrutural.blogspot.com.br/2012/10/ambientalistas-criticam-proposta-do.html>

FREITAS, Simone Aparecida; OLIVEIRA, Linda Marques de; SOUZA, Selma Lopes de Oliveira Andrade; SANCHES, Valter; BERVIQUE, Janete de Aguirre. Fenomenologia da percepção segundo Maurice Merleau-Ponty. 2015, (Pdf). Visualizado em sete de junho de 2015. Disponível em:

http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/zKAYNwEuwTEPFYK_2_015-3-3-14-12-55.pdf

ISTITUTO DOE SEU LIXO, Catadores de Recicláveis querem mais espaço para discutir coleta seletiva. 2015, (Org). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em:

<http://www.doeseulixo.org.br/category/ultimas-noticias/>

JORNAL DE BRASÍLIA. Desativação do Lixão da Estrutural: bomba pode estourar a qualquer momento. 2015, (Jornal). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em:

<http://jornaldebrasil.com.br/noticias/cidades/594761/desativacao-do-lixao-da-estrutural-bomba-pode-estourar-a-qualquer-momento/>

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Agricultura de Base Ecológica em Sistemas Urbanos: potencialidades, limitações e experiências.

2015, (Pdf). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em:
http://bbeletronica.cpac.embrapa.br/2005/doc/doc_148.pdf

MOREIRA, Crispim. Trajetória contemporânea da agricultura urbana. Saberes ambientais desafios para o conhecimento disciplinar. p.243-256. 2008, (Book). Visualizado em sete de junho de 2015. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=Vq6GXOiKvTUC&oi=fnd&pg=PA243&dq#v=onepage&q&f=false

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLAVEIS. Estrutural: o maior lixão da América Latina é um pesadelo da sociedade brasileira. 2014, (Blog). Acesso em sete de junho 2015. Disponível em:
<http://www.mncr.org.br/noticias/blog-centro-oeste/estrutural-o-maior-lixao-da-america-latina-e-um-pesadelo-da-sociedade-brasileira>

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma interpretação fenomenológica na geografia. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo. 2005, (Pdf). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em:
<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Metodologicos/11.pdf>

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. 2010, (Gov.). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm

SENADO FEDERAL. Lixões a céu aberto resistem, apesar do fim do prazo para substituí-los por aterros sanitários. Agencia Senado. 2014, (Gov.). Visualizado em sete de junho de 2015. Disponível em:
<http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2014/08/01/lixoes-a-ceu-aberto-resistem-apesar-do-fim-do-prazo-para-substitui-los-por-aterros-sanitarios/tablet>

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, COLETA SELETIVA, SAUDE COLETIVA. Riscos e doenças. No data, (Blog). Acesso em sete de junho de 2015. Disponível em:
<http://www.ib.usp.br/coletaseletiva/saudecoletiva/doencas.htm>

WEID, Jean Marc von der. Agroecologia: condição para a segurança alimentar. Agriculturas - v. 1 - no 0 - setembro de 2004, (Pdf). Visualizado em sete de junho de 2015. Disponível em: http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/seguranca-alimentar/agroecologia-condicao-para-a-seguranca-alimentar/at_download/article_pdf

CODEPLAN. cadastramento de catadores de lixo termina amanhã. 2005 Visualizado em 7 de junho de 2015. <http://www.codeplan.df.gov.br/noticias/noticias/item/2683-cadastramento-de-catadores-de-lixo-termina-amanh%C3%A3.html>

ANEXOS:

Perguntas introdutórias:

Qual seu nome?

Onde você mora? É próximo ao lixão, reside na Estrutural?

Qual o tamanho da sua família?

Seus filhos (caso haja) costumam frequentar o lixão?

Como é a alimentação da sua família?

Costuma ter tempo livre(finais de semana, ou dias de folga)?

Como você enxerga o lixão?

Há quanto tempo trabalha neste lixão?

Como se sente trabalhando nessas condições, considerando o risco do trabalho?

Trabalha em cooperativas? Prefere trabalhar associado a elas?

Tem interesses ambientais?

Saberia o que é a agroecologia?

Perguntas de aprofundamento:

Qual sua opinião sobre o possível fechamento do lixão?

Como tem sido as negociações com o governo? E quais as propostas de amenização dos impactos do fechamento?

Como é a organização contra o fechamento do lixão?

Qual a sua opinião a cerca da coleta seletiva? Você pratica?

O que você acharia de ter uma horta comunitária próxima da sua residência?

Você teria interesse de participar, cuidar e colher os frutos da horta numa parte do seu tempo livre?

Você acha que a implantação de uma horta seria benéfica a comunidade?

Quais os tipos de benefícios que ela poderia trazer?

Acha que seus filhos teriam interesse em participar?

Qual a possível reação e percepção da comunidade com a implantação de uma horta comunitária?

Vale ressaltar que as perguntas estão escritas no modelo formal, porém apenas servem de base para a entrevistadora, para que esta saiba o que absorver e para onde direcionar a conversa informal.

Relatos de conversas (entrevistas focalizadas).

Neste apêndice, serão disponibilizadas as principais partes das conversas realizadas, para facilitar a assimilação pelo leitor dos dados levantados pelas pesquisadoras, tais dados foram utilizados para estruturação do trabalho.

Conversa experimental- CE referente aos funcionários do CRAS.

Data: 6 de agosto de 2014; Horário: 11h00min; Lugar: Base do CRAS.

Primeiro contato físico com o lugar Aterro Sanitário Jóquei Clube. Primeiramente decorreu-se uma conversa com os trabalhadores do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) estabelecido no local, sobre as condições de trabalho, seguridades, como funcionam as cooperativas e a atual participação do governo. Posteriormente houve a apresentação física do lixão por meio do contato direto com os pátios de descarga e separação, realizado na companhia de um funcionário do SLU (Sistema de Limpeza Urbana), que convive com o lixão a quase duas décadas e já trabalhou por 10anos como catador.

Foi pontuado que não é disponibilizado aparato para realização do trabalho, como sacos, luvas, vestimentas e botas apropriadas, em caso de acidentes ou contaminações o CRAS e o SLU não se responsabilizam, porém prestam o auxílio básico de contatar a emergência, não existindo uma central para socorrer os catadores dentro do lixão, explicaram que tais condições existem devido a falta de verba disponibilizada pelo governo para garantia de direitos e seguridade trabalhista.

A fiscalização de entrada e saída para o trabalho possui falhas, pois apenas uma porcentagem de catadores assinam regularmente o ponto de trabalho (e

estes geralmente trabalham em cooperativas). O funcionamento das cooperativas decorre de uma organização preestabelecida, onde centros de reciclagem de materiais reutilizáveis que possuem condições monetárias disponibilizam uma área plana e relativamente afastada do pátio principal no Aterro Sanitário Jóquei Clube, para que haja a descarga do carregamento resultante da coleta seletiva, existem os caminhões próprios para coleta do material separado e o pagamento é referente ao peso do devido material reciclável.

As cooperativas se dividem por materiais, por exemplo, o ferro, o plástico pet (de espessura mais grossa), plástico seda (espessura semelhante a sacos de lixo) vidro, papel e papelão, cada cooperativa possui um presidente, que é o representante dos catadores, escolhido pelos mesmos em votação. A princípio havia sido estabelecido algumas melhorias físicas no espaço, como a instalação de esteiras para facilitar a separação de materiais, e tentas para a proteção do sol e da chuva, porém ambas estruturas foram danificadas, a esteira em 2014 por sobrecarga, e as tendas em 2015 devido às fortes chuvas no começo do ano.

CG1 Conversa em grupo 1- referente a um grupo X.

Grupo X composto por um homem e duas mulheres.

Data: 7 de agosto de 2014; Horário: 14h30min; Lugar: Pátio principal, no topo do ASJC.

Homem negro com 43 anos, mulher branca com 35 anos, mulher negra com 53 anos. De modo geral o grupo pontuou que o trabalho no lixão é um serviço repleto de riscos a saúde, apresentando diversos fatores perigosos, presentes principalmente no pátio principal, pois o funcionamento do maquinário pesado ocorre nesse lugar, e já acarretou diversos acidentes que custaram na perda de membros ou a própria vida de catadores.

Relataram que é muito difícil e nunca se sabe o que encontrarão no dia de trabalho, já encontraram muitos fetos, animais em sacos, muitos cacos de vidros, bateria de celular estourada, inclusive infelizmente, o homem do grupo relatou ter encontrado um corpo entre o material despejado pelo caminhão, que

resultou na paralisação do trabalho de todos os catadores para investigação.

Eles pontuaram que tais situações desconfortáveis e tristes são constantes e por isso procuram empregos fora do lixão, o homem trabalha fazendo bicos quando possível, e a mulher mais idosa é costureira em seu tempo livre, a mulher mais jovem diz que não consegue encontrar outro emprego que possa ser próximo de casa e com horário flexível para auxiliar na criação de seus filhos, ela relatou que prefere trabalhar para cooperativas, estabelecidas mais abaixo no pátio da coleta seletiva pois é menos sujo e perigoso, mas confessa que precisa trabalhar no pátio principal para gerar uma renda extra, complementar a da separação pela cooperativa para se sustentar.

A mulher mais velha comentou sobre o fechamento do lixão, dizendo que não concorda com isso, e que geraria impactos extremamente negativos, como o desemprego de muitos, os outros dois confirmaram, e acrescentaram que não há diálogo com o governo, e as propostas em geral não poderiam abarcar todos os catadores, o homem chegou a afirmar que não existia nenhuma proposta real, demonstrando certo desconhecimento acerca da situação. Eles afirmaram que já participaram de manifestações como o fechamento do lixão em prol de melhorias de condições do lixão, e de fato não consideram o fechamento concreto do lixão como uma possibilidade.

Quando apresentado uma possibilidade de hortas comunitárias, eles se mostraram bastante interessados, falaram que é um meio de ensinar sobre meio ambiente e cultivo para os catadores, além de alimentar uma pequena parcela destes, e acham a ideia útil e benéfica, porém pontuam que não acreditam que auxiliaria uma parcela grande e notável de catadores, a não ser que fosse efetivado em larga escala e implementado nas casas dos catadores. O homem se mostrou propenso a se integrar ao projeto, realizar o manejo e colher, enquanto as mulheres demonstraram que seriam como agentes passivos, admirando a horta e colhendo, mas raramente participando, pois não possuem muito tempo livres, de modo geral pareceram favoráveis.

CG2 Conversa em grupo 2- referente a um grupo Y.

Grupo Y composto por duas mulheres.

Data: 5 de setembro de 2014; Horário: 15h00min; Lugar: Pátio de separação da coleta seletiva.

Mulher negra com 51 anos, mulher negra com 37 anos. Durante a conversa elas demonstraram um alívio por trabalharem na coleta seletiva, a mais velha, inclusive era presidente e representante dos catadores de uma das cooperativas, e relataram que o pátio principal é muito perigoso, que pode-se gerar uma renda maior separando materiais recicláveis, porém são muitos os riscos que perpassam o lugar e portanto preferem trabalhar com maior segurança no pátio da coleta seletiva, mesmo que os riscos de doença sejam semelhantes, no pátio principal ocorrem acidentes quase todos os dias, diferentemente do qual elas trabalham.

A sensação de segurança por trabalhar nas cooperativas faz com que a mulher mais jovem leve com menos medo para o lixão, seus dois filhos (estes que brincavam com metade de um manequim), ela relata que eles gostam de acompanhá-la ao serviço pois encontram brinquedos e se divertem, afirma que eles não a ajudam a separar lixo e não permite que se afastem muito ou toquem em materiais perigosos (como baterias de celular, metais e materiais orgânicos).

Entretanto pontuam que os caminhões da coleta seletiva recolhem o lixo orgânico junto com o seco, devido receberem pelo peso do caminhão, dificultando assim após o despejo a separação dos materiais recicláveis, porém não há comparação com as condições do pátio principal, pois a porcentagem de matéria orgânica recebida por ele é bem maior.

As duas não acreditam no fechamento do lixão, e participam de movimentos pela permanência e melhoria de condições dentro do ASJC, já ajudaram a fechar os portões do lixão diversas vezes, em prol de justiça por catadores que faleceram trabalhando e por direitos trabalhistas. Questionam as propostas do governo, afirmam que não serão cumpridas e que gerarão desemprego para a maioria dos catadores, possuindo uma grande aversão a essa ideia.

Ao imaginar possíveis soluções e maneiras de auxílio caso o lixão seja fechado, elas percebem a ideia de hortas comunitárias de maneira receptiva, porém creem que a real eficácia de produção de alimentos afetaria poucos

catadores e poderia servir de modo melhor, como uma forma de conscientização ambiental para os filhos dos catadores, e um meio para relaxamento pessoal ao cuidar das plantas.

Conversa 1- C1 referente a catadora A.

Data: 13 de setembro de 2014; Horário: 10h00min; Lugar: Posto de fiscalização na base do ASJC.

Mulher, negra, jovem, com 36 anos. Relata que tem origem em Minas Gerais e aos 16 veio para Brasília, logo começou a trabalhar no lixão devido à proximidade de sua residência na Cidade Estrutural, e ao horário maleável.

Teve sua primeira gravidez aos quinze anos e a segunda aos dezoito... Atualmente não possui marido, seus antigos companheiros não auxiliaram na criação dos filhos, o primeiro voltou para Minas Gerais menos de dois anos depois do nascimento de seu filho. Possui cinco filhos, três meninas e dois meninos, sendo que destes, a única que não reside com ela é sua primogênita que continuou em Minas Gerais morando com a avó, pois não havia condições para trazê-la consigo. Uma de suas filhas, a mais nova possui deficiência (autismo), carecendo de atenção especial e remédios específicos, os outros dois filhos fazem escola em período integral, e o segundo mais velho não está estudando e não possui perspectiva de fazer faculdade ou arranjar emprego, costuma ficar muito tempo fora de casa e dormir diversas vezes na casa de amigos. De modo geral os filhos normalmente não a ajudam em casa, a arrumar ou a comprar comida.

Mora em Santa Luzia no final da Vila Estrutural, sua casa foi construída com muitas dificuldades e foi edificada em madeirite, que foram recolhidos no lixão durante seu trabalho. Conta que trabalhou durante 18 anos como catadora, trabalhando sob sol e chuva, sobre lama, doenças e riscos, quanto mais trabalhava, mais ganhava, porém convivia com o receio de se acidentar ou adquirir uma doença. Como lembrança da época em que trabalhava no pátio principal, ainda possui machucados resultantes dos respingos do chorume em suas pernas e braços, atualmente trabalha a quase 2anos como fiscal de acesso no lixão, devido a maior segurança e alívio de não arriscar sua vida,

ganha cerca de mil reais, como catadora gerava uma quantidade maior de renda e possuía mais condições financeiras, entretanto relata que “o sofrimento e o risco do trabalho a se pagar com suor e saúde não vale os perigos”.

Confessa que o lixão para ela foi a oportunidade de emprego que pôde ajudá-la a criar seus filhos e a sobreviverem, pois possuía dificuldades pungentes de encontrar um emprego que fosse flexível, próximo da escola de seus filhos e de sua residência, que possuísse uma boa remuneração. Ela conserva um sentimento muito grande de gratidão pelo lugar, tem várias amizades do lixão e muito carinho pelos catadores que a ajudaram em tempos de dificuldades, é notável uma relação de conhecimento e intimidade com o aterro, pelo seu olhar e a recordação das histórias que o lugar abarca.

Referente a atual condição do lixão, ela expõe que desconhece o diálogo e propostas acerca o fechamento do lixão, e não procura se informar devido a falta de credibilidade demonstrada pelo governo que já anunciou incontáveis vezes o fechamento deste sem a real efetivação, expõe que não gostaria que ocorresse o fechamento pois, perderia seu emprego fixo, e haveria muita dificuldade para se locomover até outro lugar e se adaptar a rotina de escola dos filhos.

Conta também as dificuldades de sua vida fora do lixão, cuidar de sua filha com autismo sem ajuda de familiares, a carência de verba no final do mês, a falta de tempo para se dedicar a atividades que gosta, como correr, confessa com lágrimas nos olhos os problemas que tem para lidar ao chegar em casa e expõe que a primeira coisa que faz para se tranquilizar é tomar banho, para se livrar da carga energeticamente pesada que recebe do lixão e conseguir se desprender do cheiro forte que existe ao seu redor.

Sua alimentação é basicamente de feijão e macarrão, raramente come carne devido ao alto preço, e quando compra está em promoção ou apenas alguns cortes de frango, não faz questão de consumir carne diariamente. Não possui o costume de comer arroz, devido não gostar do sabor, entretendo faz para o consumo nas refeições diárias de seus filhos, relata que as vezes leva folhagens (comumente chamadas de serraia e mostarda) colhidas no lixão para fazer salada, costuma deixar de molho no vinagre, e lavar bem antes de consumir, porém não se preocupa com a contaminação por chorume e outras

substâncias, explica que os agrotóxicos devem fazer praticamente o mesmo dano, e estão em todos os alimentos. Relata que gosta de verduras e legumes, porém possui muita dificuldade para comprar e fazer, quando consegue comprar legumes em promoção faz e consome.

Na imaginação proposta de uma horta comunitária, demonstra que ficaria feliz em ter uma horta perto de sua residência, participaria no manejo e colheita os frutos para comê-los, além de ajudar a cuidar como uma forma de se tranquilizar, ainda me pontuou que poderia ser um lugar para educação ambiental de crianças, convívio coletivo e entrosamento com outros catadores e moradores. Demonstrou-se bastante favorável, e pensa ser uma maneira viável de auxiliar uma parcela dos catadores, além de um local que poderia abarcar uma porcentagem do material orgânico produzido em casas para utilização na adubação da terra. Imagina esse lugar repleto de alegria e união, participação dos catadores e tranquilidade.

C2 **Conversa 2- referente à catadora B.**

Data: 21 de setembro de 2014; Horário: 15h30min; Lugar: Pátio de separação da coleta seletiva.

Mulher, negra, 49 anos de idade. É mãe de três meninas e um menino, todos tem aspirações de fazerem faculdade e ajudá-la, a mais velha das filhas já está se formando e é casada, porém ainda reside com ela, que se alegra contando dos planos dos filhos e diz que uma das suas chefes os influenciou muito a buscarem estudar e fazer faculdade. Veio do Maranhão a procura de melhoria de vida muito nova, desejava estudar e fazer faculdade, porém com as dificuldades e as necessidades vividas, começou a trabalhar de doméstica em período integral (o que impossibilitou seus estudos), trabalhou mais de 18 anos nesta profissão até ser dispensada, e infelizmente não conseguiu ser contratada novamente, ela então se encontrou desempregada e sem outra oportunidade de trabalho tão viável quanto trabalhar no lixão.

Participou de uma invasão na Vila Estrutural e lá reside desde então, começou a trabalhar no lixão devido à proximidade e a necessidade, conta que trabalha a mais de 10 anos no lixão e já perdeu a conta dos anos. O lixão representa

para ela uma oportunidade possível, digna e a mais rentável encontrada, entretanto insiste em conseguir outro emprego fichada, pois o lixão apresenta características abruptas e fatores de risco a saúde, e ela já se encontra com condições físicas delicadas devido à idade, se sentindo fraca e vulnerável.

A dificuldade principal de não encontrar emprego se localiza no fato de não conseguir contrato para mais de 3 meses, e o questionamento de sua idade pelas empresas, ela conta que em um desses trabalhos temporários, estava substituindo uma moça que estava de férias, quando lhe fizeram a proposta de assumir o trabalho daquela, ela se negou e disse que não teria coragem de tomar o lugar de trabalho de outra pessoa, pois não sabia se esta estaria com dívidas ou qual seria a sua situação, portanto não tomaria uma decisão que pudesse atrapalhar a vida de outra pessoa, preferia continuar trabalhando como catadora de forma honrável e digna, enfrentando diariamente as dificuldades e as condições de risco.

Ela apresentava uma postura bem consciente, e falou da importância do trabalho como catadora e seu papel fundamental para a reciclagem, o quanto isso é positivo para a sociedade, questionou também a falta de participação da população na reciclagem e que tal atitude influi diretamente no trabalho dos catadores.

O trabalho vinculado com as cooperativas dentro do lixão gerou um certo alívio para ela, pois há separação dos pátios de descarga e o lixo chega relativamente seco, sendo menos perigoso e não possuindo maquinário pesado, além do benefício do pagamento semanal e o acréscimo mesmo que pequeno na aposentadoria.

Ela não deseja o fechamento do lixão e não acredita que ele será efetivado, participa de movimentos pela permanência da atividade no lixão, pois os impactos da desativação prejudicaria muitas pessoas, inclusive ela que agora trabalha em meio a uma melhoria razoável estabelecida pelas cooperativas, em comparação ao pátio principal no qual trabalhava antes.

Ela afirma que seu lar é o refúgio das adversidades do trabalho, lá ela encontra segurança e calma, amor e carinho, muita inspiração e orgulho de seus filhos, além de coragem para enfrentar os riscos diariamente em meio ao lixão e

garantir boas condições para eles. Em sua casa a hora do banho é sagrada para ela, sendo a única que pode demorar cerca de meia hora no processo de limpeza, que recebeu atributos de libertação da sujeira, conforto e bem-estar consigo mesma. Confessa que não possui muito tempo livre, porém gosta de desfrutá-los com seus filhos assistindo televisão, as vezes interage com um pequeno jardim de flores que cultiva no quintal para enfeitar a casa e embelezar o ambiente.

Me conta que gosta muito de legumes e verduras, come bastante em suas refeições diárias, não costuma comer muita carne por opção, e os alimentos básicos vivos(plantas) prefere comprar nas feiras locais, pois gosta dos alimentos cultivados nas chácaras perto, pois além de comprar fresco e mais barato, ainda ajuda outras pessoas, relata que não tem medo da contaminação pelo chorume, e que deve ser menos prejudicial do que os agrotóxicos presentes nos alimentos caros dos supermercados.

Com a instiga de uma horta imaginaria ela demonstrou muito apoio, e afirmou que tal ideia era maravilhosa, pois além de gerar alimento, ainda serve como uma terapia para quem participa, e que deveria ser implantado projetos semelhantes dentro de escolas, para acalmar as crianças e lhes apresentar uma realidade diferente, de respeito e interação com a terra. Pontuou que poderia ser aplicado em larga escala e receber parte do material orgânico que iria para o lixão, este sendo transformado em alimento para o solo, e posteriormente alimento para os catadores advindos das plantas.

C3 Conversa 3- referente à catadora C.

Data: 21 de setembro de 2014; Horário: 17h00min; Lugar: Pátio de separação da coleta seletiva.

Mulher, negra, 51 anos de idade. Saiu do Piauí bem nova, foi para Luziânia, para Mato Grosso, dentre outros lugares em que morou em sua vida, chegou no Distrito Federal aos quarenta anos, com dois filhos pequenos e logo foi

morar na Cidade Estrutural, devido o preço do aluguel ser o mais barato que pôde encontrar, atualmente apenas um de seus filhos mora com ela, ele faz faculdade e trabalha para ajudar em casa, ela demonstra muito orgulho pelo filho. Ao chegar na Vila Estrutural ela avistou o lixão como um modo de sobrevivência, pois não conseguia aderir a uma rotina conciliando o cuidar dos filhos pequenos e o trabalho com um horário fixo em outro local.

Trabalha no lixão a 10 anos, e há alguns anos passou a trabalhar como reparadeira, separando o material retirado do pátio principal em pilhas menores, completará 11 anos de trabalho “sofrido” em janeiro de 2015, conta as dificuldades e o cansaço que enfrenta diariamente, o sol forte que diariamente a acompanha em seu trabalho, a chuva que deixa o solo enlameado e cheio de chorume, dificultando a separação e a locomoção dentro do lixão, além dos perigos de materiais cortantes e afiados escondidos em meio ao lixo, vive com medo de pegar alguma doença. Ela procura outros empregos mais seguros, diz que está cansada de entregar currículos em empresas de terceirização, porém não consegue ser contratada, pois não a chamam para as entrevistas, expõe que isso provavelmente ocorre devido a sua idade.

Ela possui sete hérnias de disco pela repetição do trabalho de abaixar e levantar para catar materiais reutilizáveis e conta sobre um projeto do governo para auxiliar os catadores em risco de vulnerabilidade, reclama que neste ano(2014) em que houve o início do projeto de pagar 300reais por mês para ajuda, foi permeado por diversas dificuldades, como o seu cadastramento errado no sistema afirmando que estava aposentada, quando finalmente ela resolveu esse infortúnio conseguiu por 3 meses apenas ter acesso a esse auxílio, depois cancelaram seu cadastro e alguns meses depois o projeto foi cancelado.

Entretanto todos esses riscos e problemáticas não impedem que ela cultive muito orgulho de sua profissão e mostra sua carteirinha de catadora com o peito estufado, repleto de dignidade e honra, dizendo que “é melhor trabalhar com honestidade do que roubar”, mostra um sorriso bem sincero, lembrando que este emprego foi a oportunidade que a auxiliou nos momentos mais difíceis, lugar onde ganhou amigos e seu fiel cachorro que sempre a

acompanha, conta que ele a seguiu por meses até ser adotado por ela. Ela costuma levar materiais encontrados em boas condições no lixão para sua casa, os arruma e limpa para venda na feirinha da Cidade Estrutural.

Não acredita no fechamento do lixão, e tem convicção que se tentarem fechar o lixão os catadores não permitirão, pois é o meio do qual retiram sua renda para sobreviver, geraria uma situação de dificuldade e vulnerabilidade acentuada para mais de dois mil de catadores que dependem do lixão, ela acrescenta que não teria condições para se locomover diariamente para outros centros de triagem mais afastados e isso impossibilitaria o modo pela qual ela consegue gerar uma renda extra, pois seria extremamente difícil trazer matérias de outro centro de triagem para sua casa.

Sua casa é um lugar de descanso, construída com muito suor, no tijolo e com partes de construção uteis encontradas no lixão, ela diz que mesmo em seu lar ainda sente o cheiro do lixão, o momento do banho a ajuda a esquecer da proximidade e dependência monetária existente, diz que demora quase uma hora no banho, que gosta da casa bem limpa e asseada, deixa suas roupas de trabalhar no lixão em seu quintal antes de entrar em casa. Em seu tempo livre costuma arrumar produtos encontrados no lixão para venda na feirinha da Vila Estrutural, para gerar uma renda extra.

Relata que compra bastante verduras, frutas e legumes, porém o que não pode faltar em suas refeições é arroz, feijão e principalmente a carne, confessa que das verduras adquiridas não consome todas, e prefere comprar apenas em supermercados, pois tem medo da contaminação pelo chorume dos alimentos cultivados na região. Expõe que gostaria de uma horta comunitária, e gostaria da certeza que a água utilizada não estivesse contaminada, deste modo ela colheria e faria para comer, além de comprar menos no supermercado. Imagina o lugar para momentos de terapia, cuidando das plantas e interagindo com o ambiente, lidando com problemas em meio ao verde natural que lhe transmite calma, lugar para descanso após um dia exaustivo no lixão, imagina muita interação e crianças participando.

Data: 11 de outubro de 2014; Horário: 13h00min; Lugar: Posto de fiscalização na saída do ASJC.

Mulher, negra, 50 anos de idade. Tem origem no Maranhão, e em 2003 veio para o Distrito Federal visitar sua filha mais velha que mora na Cidade Estrutural, gostou da cidade e decidiu se mudar para Brasília, começou a trabalhar no lixão em 2006 devido a falta de opções de trabalho, cria sozinha seus outros três filhos, o mais velho tem 15anos e planos de fazer faculdade, todos ajudam limpando e cuidando da casa, moram em uma residência na qual ela foi contemplada pelo governo, no projeto minha casa minha vida. Ela relata que o trabalho como catador é uma ajuda fundamental para muitas pessoas que sobrevivem somente com este trabalho, dependem do lixão e possuem uma relação estabelecida com rotina.

Na sua visão o lixão possui muitos lados ruins, ela sente muito medo e desconforto, devido às doenças, a ratos, baratas, as condições insalubres, o cheiro forte, o risco de vida que apresenta e todos os perigos que o aterro abarca, ela pontua que por outro lado o trabalho com as cooperativas ofereceram pequenas melhorias que dão um pouco mais de segurança a ela, como não precisar conviver com o maquinário pesado e o chão do pátio ser menos perigoso, entretanto o ganho no pátio da coleta seletiva não é suficiente e ela precisa trabalhar no pátio principal para conseguir a renda necessária para pagar as suas contas e com coragem enfrenta seus medos diariamente.

Ela me diz que já está cansada, dolorida e velha demais para esse trabalho exaustivo e extremamente arriscado, tem medo de se machucar e ficar doente, sofrer um acidente ou ser morta por um maquinário pesado como caminhões, tratores ou compactadores de lixo. Por esses motivos ela é a favor do fechamento do lixão, apoia as propostas do governo apresentadas em reuniões com as cooperativas, como a criação de centros de triagem de material reciclado, com condições mais justas e menos arriscadas, disponibilização de vestimentas propicias, luvas, botas, lugar coberto, centro para descanso, carteira assinada com bônus(plano de saúde) e a definição de horas a cumprir.

Sua casa é bem cuidada e cheia de flores, ela acha que traz vida e beleza ao ambiente, colorindo e perfumando, ela aprecia um banho bem quente para aliviar a dor em suas costas e para se sentir bem, diz que toma banho com

bucha vegetal para retirar de sua pele resquícios do lixão, comenta que lhe parece que o cheiro impregna na pele. Em seu tempo livre costuma cuidar de suas flores, mas confessa que esse tempo lhe é escasso, gosta de assistir televisão e descansar tranquilamente dentro de seu lar.

Me conta que gosta muito de verduras, legumes e folhagens, come bastante, mesmo que seus filhos não comam, ela sempre faz, por opção não consome carne constantemente, mas costuma fazer no mínimo uma vez por semana, ela informou que costuma comprar seus alimentos tanto na feira quanto nos supermercados, e não se preocupa com contaminação por substâncias do lixão ou por agrotóxicos.

Ao imaginar uma horta comunitária, ela tem a perspectiva que a ideia é muito positiva, e gostaria de participar e colher, informa que não participaria dos manejos mais densos que utilizam ferramentas como enxada, mas que gosta de realizar poda e cuidaria de pragas. Relata que poderia ser um lugar de conforto, aconchego e lazer para aproveitar seu tempo livre, estando em meio a natureza e se sentindo bem, imagina a utilização de materiais recicláveis como madeiras e materiais de construção na horta.

C5 Conversa 5- referente ao catador E.

Data: 12 de outubro de 2014; Horário: 18h00min; Lugar: Posto de fiscalização na base do ASJC.

Homem, pardo, jovem, 21 anos de idade. Reside em Santo Antônio do Descoberto(Goiás) e gasta todo dia 10 reais em passagem para chegar ao Aterro Sanitário Jóquei Clube, confessa não ter a intenção de continuar trabalhando no lixão, pois é um trabalho muito desgastante devido aos esforços físicos exaustivos, as condições as quais fica exposto como o sol e a chuva, e o ambiente perigoso, repleto de possibilidades de ferimentos ou doenças. Ele trabalha no lixão a pouco mais de um mês, separando o lixo no período da manhã, e ao final da tarde auxiliando a preencher os caminhões com os sacos de materiais recicláveis separados, relata que mesmo com as dificuldades que permeiam o trabalho, no momento é a melhor oportunidade de emprego disponível, pois possui horário flexível e uma boa remuneração em

comparação com seu emprego formal, normalmente costuma atuar como eletricitista, porém a renda gerada nesta função não é constante e portanto precisa de um serviço complementar.

Na conversa ele expõe que é um trabalho extremamente árduo porém muito honesto e digno, não possui vergonha de afirmar que está trabalhando como catador na área de separação da reciclagem, e não esconde isso de seus amigos e familiares. Lembra que já esteve envolvido com muitas ações perigosas como o tráfico, e não deseja essa vida para ninguém, por isso se alegra e se orgulha muito de trabalhar de forma honesta mesmo que seja em meio ao lixo.

Ele desconhece as problemáticas referentes ao fechamento do lixão e por isso não possui uma opinião formada, afirma que se for acontecer com melhorias reais seria positivo para os catadores, porém se for gerar desemprego, seria melhor que continuasse funcionando com as atuais condições críticas.

Antes de conversarmos ele estava se lavando com uma mangueira na base do lixão, com o sabão que trouxe, me explicou que não consegue ir para casa com sensação de estar sujo ou com odores fortes, e por isso todo dia antes de pegar ônibus para retornar ao seu lar, ele se lava e coloca roupas limpas, para aguentar sem agonia o percurso de volta, até poder chegar a casa e tomar um bom banho por inteiro. Relata que se sente bem e confortável quando está limpo e possui a certeza que não estar com mau cheiro.

Sempre cuidou de jardins e hortas em sua casa e na chácara de seu tio, conta que utiliza os restos orgânicos de sua residência para adubar, e gosta de cultivar plantas diversas em conjunto, pois elas se auxiliam e cuidam uma da outra, como no caso do feijão e do mamão, onde o mamão proporciona sombra para o feijão crescer e apoio para subir, enquanto o feijão libera muita folhagem como forma de proteção do solo.

Quando imaginado em conjunto a horta comunitária ele relata que seria uma ideia muito positiva a implantação na estrutural, pois além de gerar comida para os catadores, ainda possibilita a criação de um parque para lazer conjunto, para integração e diversão coletiva, questiona-se apenas sobre o fator de contaminação, se a horta absorveria as substâncias advindas do lixão,

pois acredita ter impactos negativos nos alimentos e a quem os consumiria. Pontua que a interação com as plantas costuma gerar muita calma e paz de espírito, e ao colher uma verdura ou legume saudável que se cultiva, há uma grande satisfação interna que não é plausível de comparação, pois este alimento foi gerado pelo cuidado se suas mãos e recebeu a energia que se depositou, além de ser mais nutritivo e saboroso.